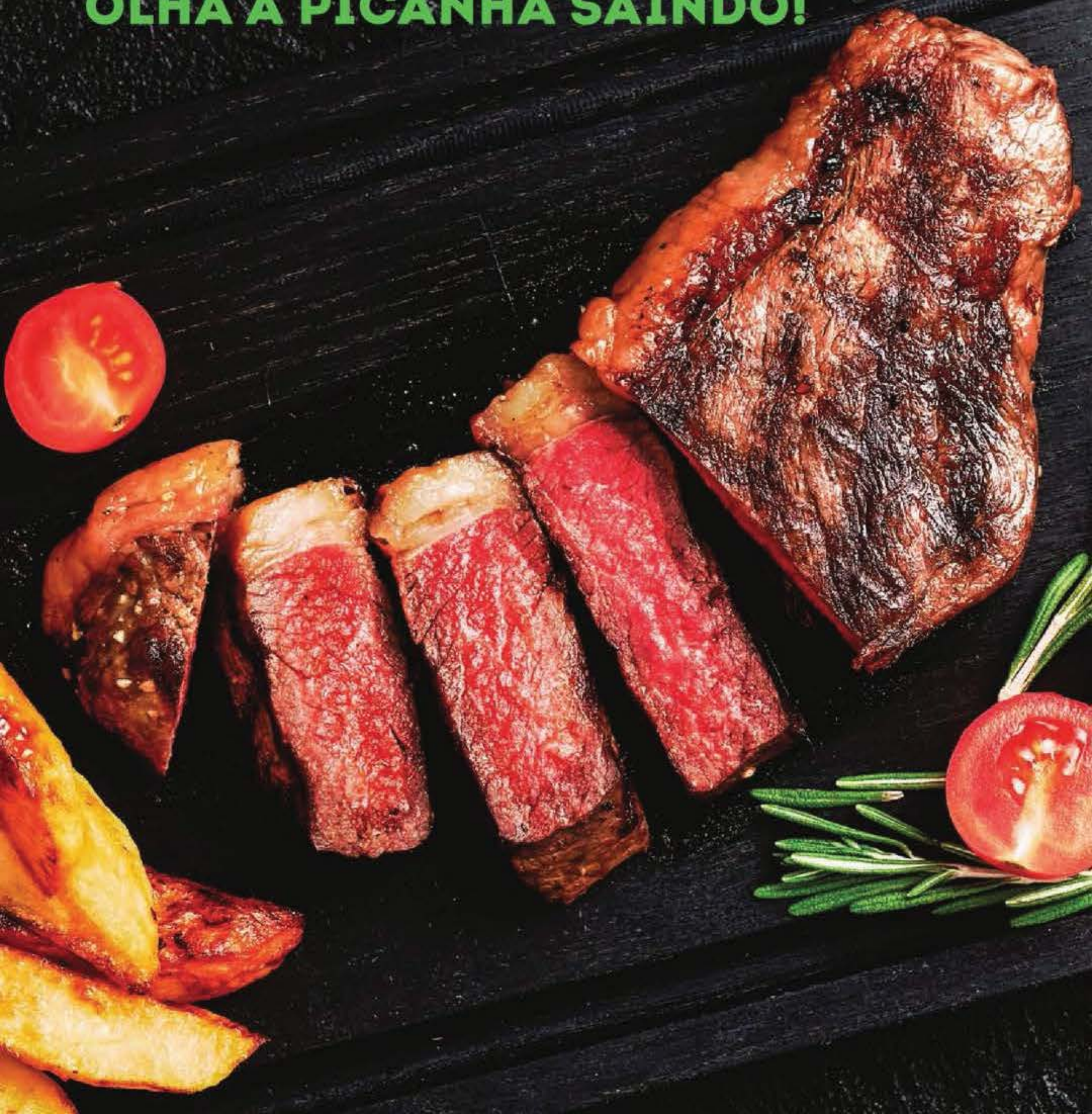
# ISTOÉ

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA
12 JAN/2022 - ANO 45 - Nº 2711 R$ 24,00

# O ANO DA MUDANÇA

**A eleição presidencial é uma oportunidade para o País sair da armadilha do extremismo** e retomar a trajetória de crescimento, **apesar do risco da permanência do populismo e da polarização.** Ameaças como as fake news e os problemas que se agravam com a crise econômica prenunciam um período difícil e conturbado. **Confira as perspectivas para este ano em Educação, Saúde, Economia, Mundo, Meio Ambiente, Cultura e Esporte**

NADA MELHOR QUE VER OS
SORRISOS SE ABRINDO QUANDO
O CHURRASQUEIRO AVISA:
OLHA A PICANHA SAINDO!

## ENTREVISTA

**MARCOS MION**

Apresentador

# "QUERO O SÁBADO DA GLOBO PARA O RESTO DA MINHA VIDA"

***Por Vicente Vilardaga***

**Num período difícil e dramático da história brasileira e da humanidade, entristecida pela pandemia, o apresentador Marcos Mion, de 42 anos, tem uma função nobre e indispensável: trazer alegria para as pessoas. Essa é a missão que ele se propôs a cumprir. Assumindo o comando do Caldeirão e da programação de sábado na TV Globo, Mion diz estar vivendo o momento extremamente feliz, a realização de um sonho. No seu projeto profissional, iniciado nos anos 1990 na MTV, era sua meta. "Sou o último moicano, o último dessa raça de apresentadores de auditório, o fim de uma espécie", diz Mion, citando referências como Chacrinha e Gugu Liberato. "Outro dia uma galera forte veio me falar: depois de você não vejo mais ninguém que sabe fazer palco, que sabe fazer TV popular". O resultado dessa vocação está sendo percebido no Caldeirão, que ele começou a apresentar há quatro meses e que está superando todas as expectativas de público e receita. Nesse curto período, Mion conseguiu fazer uma pequena revolução no ar.**

**PANDEMIA** Para Mion, se o governo tivesse agido certo desde o início, milhares de vidas poderiam ter sido salvas

**Como você avaliando o seu desempenho nestes primeiros meses de Globo?**

Acima de tudo é importante deixar claro que não é apenas um trabalho, não é apenas mais um trabalho como outros que já tive ao longo dos 24 anos de carreira na TV. Acho que o resultado que estamos tendo tem essa intensidade, esse ar mágico porque a gente está falando sobre sonhos. A gente fala sobre a realização de um sonho, o que deixa tudo mais intenso e urgente.

**É o seu sonho?**

Exatamente, comandar o sábado, o final de semana na Globo, é o sonho da minha vida. E consegui com o coração aberto,

sem fingir costume, realmente deixando a felicidade transbordar. Consegui mexer na estrutura de todos ao meu redor. Falo isso no ar várias vezes e é a pura verdade. O meu sonho virou a realidade de muita gente. E todas as pessoas foram cativadas por esse sonho. Não quero parecer piegas, mas é a história de que um sonho que você divide e vive com várias pessoas se torna uma realidade muito intensa. É diferente de você encarar um trabalho que você faz porque é seu dom, seu talento, seu ganha-pão. São raras as oportunidades que você tem para realizar o sonho da vida e se você sabe deixar isso latente, as pessoas ficam cativadas.

"A Fazenda foi um sucesso inacreditável, mas no final, na Record, passei um período difícil, enfrentei um inferno ali, caiu a casa, fiquei sem chão"

**Você esperava uma aprovação tão incondicional?**

A direção me chamou para uma conversa para tentar entender a situação. É realmente um fenômeno o que está acontecendo. Essa aprovação de público, crítica, audiência, comercial, é uma coisa que acontece raras vezes em qualquer lugar. Raramente você tem uma aprovação que vem de todos os lados. E aí a gente teve exatamente essa conversa. Como você chegou nesse lugar? Chegamos à conclusão de que não há uma fórmula, uma resposta pronta, mas é a conjuntura da vida. E essa conjuntura é única. Se não tivesse saído da Globo em 1998 e não tivesse ido para a MTV, se não tivesse me criado como comunicador na MTV no final dos anos 90, não teria enraizado em mim a ousadia que hoje consigo imprimir no Caldeirão, que chama a atenção das pessoas. Caramba, que coisa original, o cara está apresentando na Globo de chinelo. Deu um auê essa história. Aí apresentei de bermuda. Subo na mesa e danço. Essa ousadia você não estuda. A história da minha vida me moldou da forma que sou hoje.

**E o período na Record? Foi uma boa experiência?**

Se não tivesse ido para a Record, se tivesse ido para a Globo antes, não teria sido da mesma forma. O tempo que fiquei na Record fazendo trabalhos incríveis, maravilhosos, mudaram a minha vida e ajudaram a me moldar. Mas se a Record não tivesse me demitido no começo de 2021 de uma forma completamente inesperada e sem explicação talvez a situação fosse diferente. Sempre amei os programas que fiz lá. O Legendários é um projeto que vou guardar para sempre, A Fazenda foi um sucesso inacreditável, mas no final passei um período difícil, enfrentei um inferno ali, caiu a casa, fiquei sem chão.

**Você tem uma explicação para a demissão?**

A Record nunca me deu uma explicação, e, se alguém tem que dar, é ela. Uma coisa difícil de entender é porque depois de tantos anos juntos, de entrega, trabalhos incríveis, dedicação total, a emissora faz questão de divulgar em toda a imprensa que o profissional está sendo demitido. Isso não é uma praxe do mercado.

**Como você compara a estrutura da Record com a da Globo?**

Não dá nem para comparar porque a estrutura da Globo é uma das maiores do mundo. Nunca tinha visto. E para você entrar num lugar onde existe um sistema que funciona muito bem, com muito resultado e sucesso e conseguir dar suas cotoveladinhas no tempo certo, com respeito, para abrir espaço, para botar sua cara e o seu jeito, é preciso muita coragem. Mas eles têm que querer, permitir. E a Globo me permitiu, desde o primeiro momento, ser quem eu sou, me incentivando a fazer as coisas da forma que acredito e me dando um caminho para crescer.

**Você interferiu muito no formato do novo Caldeirão?**

Na verdade, cheguei e o programa estava pronto. O Boninho criou esse Caldeirão para mim de uma forma maravilhosa. Ele é um dos caras mais sagazes, criativos e inteligentes que já vi na minha vida e o programa foi feito para mim. Só aprovei.

**O sábado é o limite ou vão ter muitos outros programas, outros projetos, qual é a sua perspectiva?**

Na Globo faço qualquer coisa. Se o Bonner um dia atrasar e eu precisar ir para a bancada do Jornal Nacional, conta comigo. Só me arruma uma gravata porque não tenho gravata. Mas o sábado é o meu sonho e daqui ninguém me tira. Quero o sábado da Globo para o resto da minha vida.

**Você conseguiu dar visibilidade para o assunto de extrema importância: o autismo. A sociedade está melhorando em relação a essa questão?**

Acho que temos que acreditar que está melhorando. Porque se a gente perde essa capacidade, também perde a força de lutar, perde a crença e se perdemos a crença, a gente não se movimenta nesse sentido. Então sim, eu e toda comunidade autista acreditamos que os passos estão sendo dados firmemente e estamos evoluindo cada vez mais para uma situação de >>

FOTOS: VICTOR POLLAK/GLOBO; REPRODUÇÃO

visibilidade perante a sociedade. Outro dia, entreguei o prêmio Multishow no final da noite e antes parei para falar sobre a nova pesquisa que o CDC (órgão de saúde americano) publicou no dia 2 de dezembro, na qual eles relatam que a incidência de autismo aumentou. Antes, em 2016, no último relatório, era uma a cada 54 crianças e hoje é uma a cada 44. É um aumento muito significativo. Parei o prêmio para falar sobre isso. Tenho que acreditar que isso trará algum tipo de resultado. É um propósito. A gente tem muitas missões na vida. A arte, a comunicação, levar entretenimento e esperança para as pessoas são minhas missões. Agora meu propósito é meu filho e o autismo.

**Por que a incidência de autismo está aumentando?**

Porque quanto mais a gente divulga a causa e quanto mais a gente conhece o autismo, mais pessoas adultas se identificam e se reconhecem e vão atrás de um diagnóstico. Esse número aumenta hoje não porque nascem mais crianças autistas, mas porque mais pessoas se identificam como autistas.

**Estamos numa situação complicada social, política, econômica, sanitária. Como isso afeta sua vida e seu trabalho?**

Usei muito o meu megafone de comunicador no início da pandemia para tentar alertar as pessoas do que estava prestes a acontecer. Fui colocado numa posição em que nunca quis estar. Estava em Nova York com minha família e fui embora tipo no último dia quando decretaram emergência em Nova York pela primeira vez. Cheguei aqui e ninguém falava sobre isso. Comecei a fazer vídeos sobre o que estava acontecendo no mundo, num momento que ninguém queria ouvir. Fui chamado de alarmista, exagerado, acusado de tocar o terror, mas meus vídeos viralizaram bem no início da pandemia. A gente realizou a Fazenda no auge, com a doença explodindo no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Conseguimos fazer o programa, até onde eu sei, sem nenhum caso de contaminação.

**Como você vê a gestão da pandemia feita pelo governo federal?**

Acho que o que aconteceu e o que acontece com o Brasil é uma opinião geral. Não dá para ter duas opiniões. Todo mundo acompanhou. Nós começamos talvez da pior forma possível, nosso presidente foi eleito o pior gestor do mundo na pandemia, e agora a gente está num momento em que a vacinação está fluindo, com índices muito bons. Mas, sem dúvida, se tivessem acertado no início, milhares e milhares de vidas seriam poupadas.

**Como você se posiciona na política? Busca a neutralidade?**

Não sou neutro, deixo muito claro meus posicionamentos porque falei desde o início da pandemia que era 100% a favor da vacina, 100% a favor da informação, 100% a favor de salvar vidas. A gente não precisa ir longe. Quero botar uma crítica minha ao governo: luto constantemente contra o ministro da Educação (Milton Ribeiro), que fala que pessoas deficientes atrapalham o andamento das pessoas neurotípicas. Fui para cima. Agora aparece outro falando que é pior perder a vida do que a liberdade. Vou dizer algo mais: poucas coisas são tão perigosas como um ignorante com poder, mas não põe isso no título.

**Inclusive, por isso, vivemos tempos de trevas na cultura.**

Um país sem cultura é um país morto. Uma Nação que não dá valor a sua história está fadada ao esquecimento, fadada à morte. A gente não tem como seguir adiante se não cuidar da nossa raiz. Desde que a humanidade começou a se comunicar, foi através de desenhos, cantos, rituais. Durante a pandemia, a arte manteve a sanidade das pessoas. Não tem como virar as costas para a arte, para a educação e para a ciência.

**O que se percebe é um movimento negacionista e de radicalização ideológica.**

Isso sempre teve, não começou agora, não brotou do nada, mas agora essas pessoas se fortaleceram e acabaram ganhando um megafone maior. O que cabe a nós é combater. Esse é um risco muito grande da bolha. A bolha empodera quem está dentro dela. E Isso acaba fortalecendo muitos idiotas.

**O que você acha de ser comparado com Chacrinha?**

Evito falar. Essa comparação foi feita pelo próprio Luciano Huck, por várias pessoas, e para mim é uma honra, pelo que ele representa. É óbvio que era outra TV. Se você colocasse o Chacrinha no YouTube pensa num cara que seria cancelado a cada dois minutos. Mas o que ele representa no sentido de levar alegria para as pessoas naquela bagunça me estimula. Sou um cara que faz as pessoas se juntarem em torno da TV simplesmente para rir. Sou cria dos grandes comunicadores de auditório e até outro dia me chamaram atenção para uma coisa que faz sentido: sou o último moicano, o último dessa raça. Depois de mim começaram a vir só pessoas nascidas na internet, com outro tipo de linguagem, que não são pessoas que se criaram fazendo programa de auditório. Acho que sou o fim de uma espécie. ■

> "Luto constantemente contra o ministro da Educação (Milton Ribeiro), que fala que pessoas deficientes atrapalham o andamento das pessoas neurotípicas. Fui para cima"

FOTO: LUIS FORTES/MEC

# Marketing de recompensas:
## conquiste, engaje e fidelize clientes

Como fidelizar meus clientes? Como engajar mais? Como me diferenciar e conquistar promotores para a minha marca? Se você é gestor de alguma empresa ou trabalha com marketing, com certeza tem ou já teve essas dúvidas. Em cenários cada vez mais competitivos, é comum que as empresas busquem estratégias capazes de conquistar clientes e estreitar a relação com eles.

E com tanta informação, possibilidades e oportunidades surgindo a todo momento para os consumidores, sai na frente a empresa que consegue desenvolver ações que não só reconhecem a importância do cliente, como também resultam em otimização do engajamento e fidelização. Mas, afinal, o que fazer para destacar a sua marca?

Uma das possibilidades que surgiu no mercado e tem chamado a atenção, principalmente por ser acessível para empresas de todos os tamanhos, é o marketing de recompensas. Essa é uma estratégia de marketing que tem como objetivo estreitar a relação entre a marca e os seus clientes, por meio de um programa de recompensas.

## Quais os benefícios de utilizar o marketing de recompensas?

A construção de um relacionamento de confiança entre as marcas e os seus clientes é essencial para qualquer empresa. Um cliente satisfeito pode se tornar um aliado especial, pois pode ser também um divulgador da sua marca.

O que muitas empresas ainda não conseguiram definir é a melhor forma de promover o engajamento e entusiasmar o consumidor a se relacionar mais estreitamente com a marca. Foi nesse contexto que surgiram os programas de fidelidade, em que o cliente adquire produtos ou serviços, ganha pontos e depois pode trocar por benefícios.

Um dos principais desafios nessa estratégia é a dificuldade, para o cliente, em reunir a quantidade de pontos necessária para fazer a troca. Além disso, o programa de fidelidade às vezes generaliza o perfil dos participantes. Por isso, algumas empresas já têm repensado a maneira de recompensar seus clientes.

## E qual é esse novo jeito de se relacionar e encantar o seu público?

No Brasil, o marketing de recompensas já tem sido a escolha de grandes empresas do varejo, setor financeiro e até de startups.

A empresa líder nesse segmento é a Minu, que já atua há 14 anos oferecendo soluções com entregas de recompensas instantâneas, sem burocracia ou necessidade de acúmulo de pontos.

A estratégia une inovação, tecnologia e praticidade para oferecer a melhor solução em campanhas de marketing com entrega de recompensas instantâneas, que atendem a diferentes perfis de consumidores. "O marketing de recompensas valoriza a experiência de compra. Ninguém precisa esperar semanas ou até meses para ter a recompensa. O cliente resgata e recebe instantaneamente. Oferecemos um catálogo digital com centenas de parceiros e mais de 600 ofertas para as empresas disponibilizarem aos consumidores, com opções que vão desde créditos em telefonia e internet até descontos em produtos ou serviços de lojas parceiras.", conta o vice-presidente comercial e de marketing da Minu, Oswaldo Oggiam.

No momento em que o consumidor ganha imediatamente uma nova experiência e pode usufruir de maneira fácil e rápida, é muito provável que queira continuar se relacionando com a marca. Então, se a sua empresa procura adquirir ou reter clientes, trazendo retorno positivo, com baixo investimento e alta percepção de valor, o marketing de recompensas pode ser a solução ideal.

## Editorial

# O ANO DO BOTA FORA DE

Não há nada mais urgente, mais vital e decisivo para o futuro do País do que se ver livre daquele que é, indiscutivelmente, o pior governo que já passou por essas paragens em todos os tempos. A praga Bolsonaro tem que ter um fim ou o Brasil afunda de vez — em qualquer área, da Educação à Saúde e mesmo na da Economia. É devastador o efeito desse mandato e das ações do seu protagonista, ao longo de intermináveis quatro anos, na vida das pessoas. Por isso, aconselha-se cruzar os dedos pelo livramento. O capitão vai usar de toda sorte de artifícios e apelações para se segurar no cargo. Apeá-lo do poder exigirá o funcionamento pleno das instituições democráticas. Será um ano de cruentos combates, baixaria sem fim e encenações farsescas para iludir as massas. Milongueiro e fascista de carteirinha, mestre das artimanhas, Bolsonaro já começou a dar o tom da campanha ao se internar no hospital seis estrelas Vila Nova Star, de São Paulo, para tratar de um desconforto estomacal que buscou vincular ao episódio da facada de anos atrás. A espetacularização da internação teve direito a fotos do acamado, sondas e pose ao lado de médicos, como uma vítima dos próprios abusos. Ao final e ao cabo, o diagnóstico corriqueiro: um camarão mal mastigado fez mal ao "mito". Após os dias de gandaia, dança de funk, passeios de jet ski e visitas a parque de diversões, por longas duas semanas de férias, comendo e bebendo sem limites, a farra cobrou seu preço. Cinicamente, o próprio mandatário achou por bem classificar como "maldade" a denominação de férias para os dias fruitivos nos quais se esbaldou como pôde em praias brasileiras. Seria trabalho pesado aquele show de aparições curtindo adoidado enquanto milhares de pessoas enfrentavam mais uma tragédia climática na região baiana? Modo estranho de encarar o batente. Não é de hoje, Jair Messias não sai disso. Outro dia restringiu as tatuagens para quem deseja ingressar na Marinha, aprovou isenção de IPI para a compra de jet ski e barcos a vela, e já deliberou, no passado, sobre o fim dos radares de estrada, obrigatoriedade de cadeirinha para criança nos carros e a pontuação de multas nas carteiras de motorista. Ele "governa" nas miudezas e em prol dos interesses que lhe convém. Não espere grandes e complexas mobilizações de sua parte para combater pandemias, crise econômica ou eventos catastróficos que afligem o dia a dia dos brasileiros. Ele não lidera nesse campo. É, na verdade, uma nulidade. Quando não joga contra. Há quase um mês vem protelando a vacinação infantil em meio a um índice de mais de duas mil crianças mortas por Covid — número que ele considerou não relevante para justificar a "pressa" na imunização. A travessia de tormentos - do golpismo tentado em Sete de Setembro à exaltação da ditadura, pregando o fechamento do Congresso e do STF - demonstra o quão tortuosa tem sido a vida por aqui enquanto ele habita o Planalto. A reconstrução será custosa. O caixa público está estourado por pedalagens ilegais, com a prática sendo impunemente ignorada. A erosão das liberdades individuais é notada, inclusive, no esvaziamento das agências reguladoras do Meio Ambiente, do controle financeiro e da preservação indígena. Na semana passada, a Funai foi desautorizada pelo Ministério da Justiça a desenvolver atividades de proteção às etinias em territórios isolados, deixando esses povos entregues à própria sorte. Como pode? Bolsonaro, em sua tática do desvario, não quer que nada funcione dentro do previsto. Coaf não deve fiscalizar desvios financeiros para não incomodar as práticas dos filhos diletos. Bem como a Receita Federal, a Polícia e o Ministério Públi-

 FOTO: REPRODUÇÃO

**Carlos José Marques**, *diretor editorial*

# BOLSONARO

co têm que ser manietados nesse sentido. A arbitrariedade parece estar em vigor, insinua-se a cada medida e ameaça piorar. De uma forma geral, o discurso inflamado do presidente e seus rompantes autoritários mascaram a falta de aptidão para o cargo e a ausência de um programa minimamente aceitável de condução do País. No balanço geral, a lista de conquistas que deixa é deplorável. Nenhuma privatização avançou. As reformas administrativa, tributária e política ficaram no papel. A miséria e o desemprego aumentaram. Bem como a inflação, os juros e a desvalorização do real em níveis recordes. Não há nada que fique de pé como meramente louvável. Escrachando de vez a sua falta de disposição para governar como estadista e a visão estreita do papel que exerce, ele debocha da vida alheia. Não expressa um mínimo de compaixão ou de comiseração pelas dificuldades da população. Pode passar fome, sofrer em enchentes, morrer "e daí", como diz. "Vão ficar enchendo sempre meu saco, porra?" (sic), "não sou coveiro!". Que espécie de ser humano tem esse tipo de comportamento que não um psicopata? E o capitão faz isso enquanto adota uma política paroquial – do tudo pelos amigos e familiares e nada aos demais. A ignorância rudimentar de quem beneficia as igrejinhas ideológicas e setoriais, as congênitas práticas de fake news, o binarismo idiota de quem enxerga adversários em quem não concorda com seus ditames, a gestão de um gabinete do ódio, a parolagem conivente ao lado de bandidos do Centrão, as aberrações contra as vacinas, as prevaricações e a exploração da crendice em salvadores da pátria em nome do desespero e da boa fé dos incautos dizem muito do obscurantismo e retrocesso sem precedentes que deitou raízes por aqui. Será esse tipo de chefe da Nação que melhor podemos ter? Esperemos que não. Restam agora pouco menos de 365 dias para uma eventual e desejada mudança. Que ela aconteça. Pelo bem de todos. Salvar a democracia projeta-se como um ponto chave nesse ano – ou o voto que você dará nas urnas lá adiante pode ser o último por um bom tempo, caso o capitão faça vingar seus planos de uma ditadura bananeira. Não se engane, mesmo desgastado, ele dobrará a aposta no radicalismo. O tormento e os descalabros precisam ter fim. Ele nem finge mais que governa. Como um Nero da nova era a incendiar cidades, vai acumulando destruição e ruínas onde mete a mão. E deixou o Brasil doente. ■

# Sumário

Nº 2711 – 12 de janeiro 2022
ISTOE.COM.BR

**CAPA** Saiba por que 2022 poderá ser o ano da mudança por meio da eleição presidencial e confira as perspectivas em Educação, Economia, Saúde, Meio Ambiente, Internacional, Esporte e Cultura

18
**SEMANA** A condenação de Elizabeth Holmes, a "versão feminina de Steve Jobs"

**COMPORTAMENTO** A variante Ômicron é uma indicadora de que o homem e o vírus começam a se adaptar um ao outro. Será o começo do fim da pandemia?

FOTOS EDITORIAIS: ANDRESSA ANHOLETE/GETTY IMAGES VIA AFP; NIC COURY/AP PHOTO; GUSTAVO MINAS/GETTY IMAGES VIA AFP

**por Marcos Strecker**

Redator-chefe de ISTOÉ

# FALTA MENOS DE UM ANO

O governo Bolsonaro entra em seu último ano da mesma forma que começou: com caos administrativo e falta de rumo. Além disso, em suas declarações de fim de ano, o presidente deixou claro que continuará a servir apenas à base radical, ao invés de ampliar o seu leque de apoio ao centro - governar para todos os brasileiros, como manda a Constituição, nunca passou pela sua cabeça. No final da gestão, o chefe do Executivo dobrou a aposta no discurso de ódio e na polarização.

É um mau sinal para este ano eleitoral. O STF e o TSE dificilmente conseguirão conter o jogo sujo subterrâneo nas redes sociais, apesar do endurecimento contra as milícias digitais que abertamente atacam a Justiça e o próprio processo eleitoral. A recente enquete digital da revista "Time" em que o presidente foi eleito "personalidade do ano" mostrou que os bolsonaristas continuam a agir com eficiência nas redes. Conseguiram mobilizar cerca de 2 milhões de votos sem usar o Twitter ou Facebook. Tudo indica que empregaram o Telegram, aplicativo russo que opera sem nenhum controle, não presta contas ao Judiciário e tornou-se um ímã para extremistas do mundo todo.

Bolsonaro afastou o risco de impeachment ao comprar o Congresso, entregando o Orçamento ao Centrão. Em troca, moderou os ataques às urnas eletrônicas. Meu palpite é que essa contenção vai durar apenas até ficar claro que suas chances eleitorais evaporaram. Na mais do que provável hipótese dele derreter nas pesquisas, voltará a radicalizar usando todas as armas que sacou em 2018. O vale-tudo nas redes já é previsto por João Doria, por exemplo. O PT também indica que vai abraçar esse método, como ocorreu no recente meme da "noivinha do Aristides", fabricado por um simpatizante.

Na reta final das eleições pode ocorrer uma tensão semelhante ao Sete de Setembro: Bolsonaro deve jogar com a carta da ruptura institucional para tentar arrancar um segundo mandato no desespero. Para o País, a melhor chance é uma força de centro superá-lo ao longo do processo, disputando um segundo turno com Lula. Isso pode diminuir a ameaça golpista. De qualquer forma, o importante é virar a página do pior governo da história e começar um programa de reconstrução. Bolsonaro apostou na balbúrdia para dobrar a democracia e na soltura de Lula para surfar no antipetismo. Poderá finalizar seus dias pregando apenas para o cercadinho, a verdadeira dimensão da sua estatura.

**A moderação do presidente contra as urnas eletrônicas vai durar apenas até ficar claro que suas chances de se reeleger evaporaram**

# NOSSA ETERNA E VIL TRISTEZA

A crise que ora assola o Brasil deve-se a problemas acumulados ao longo de décadas e a outros de ocorrência recente, entre os quais cumpre destacar os efeitos da recessão econômica iniciada no governo Dilma Rousseff, a pandemia Covid-19, o péssimo desempenho das instituições políticas, nos três Poderes e, não menos importante, a ascensão à presidência do sr. Jair Bolsonaro. Essa é, digamos assim, a parte visível do iceberg político, acima das elites e dos eleitores em geral. Hoje quero discorrer brevemente sobre as elites, fator raramente considerado. Entendo que sem elites robustas e bem preparadas, dificilmente as instituições políticas formais terão um bom desempenho.

Sempre que falo em elites, faço questão de logo advertir que não vou me referir a aristocracias, tampouco a grupos dirigentes ligados por laços de hereditariedade ou consanguinidade. Outro ponto preliminar importante é que elites entendidas como grupos reais são algo muito raro no mundo

**A eleição do sr. Jair Bolsonaro foi o reflexo perfeito de um País carente de elites capazes de balizar o processo político**

**por Bolívar Lamounier**

Cientista político

atual. Na maioria dos casos, o termo designa elites abstratas, que no fundo são pura e simplesmente os ápices de quantas hierarquias quisermos imaginar com base em posições objetivas (dirigentes políticos eleitos, alta administração civil e militar, empresários, líderes sindicais etc) ou na reputação de exercer grande influência na sociedade, como é o caso de universitários, intelectuais e jornalistas. Claro, os "ápices" a que me refiro não são homogêneos em termos de poder. Um jornalista destacado é parte de um deles, mas para pertencer à elite econômica você precisa viver em uma mansão, ter uma casa de campo ou no litoral e, quem sabe, um iate de dez milhões de reais.

Assim, enquanto as elites de antigamente, que eram grupos reais, caracterizavam-se por uma coesão "natural", as elites atuais, sendo meros grupos numéricos, geralmente carecem de coesão. Este é o meu ponto. A eleição do sr. Jair Bolsonaro foi o reflexo perfeito de um País carente de elites capazes de balizar o processo político. Foi um fogo-cruzado rancoroso entre os cidadãos cuja imaginação ele conseguiu capturar para se contrapor aos petistas, que devolviam na mesma moeda. Não por acaso, Bolsonaro começou prometendo uma "nova" "política" e pulou sem rebuços para o extremo oposto: o Centrão. O Supremo Tribunal Federal e o Congresso Nacional não deixaram por menos. Com a débil pressão moral que nossa sociedade é capaz de exercer, ambos têm perpetrado todo tipo de disparate. E, infelizmente, tudo indica que esse enredo se repetirá em 2022.

**por Marco Antonio Villa**

Historiador

# POR UMA ELEIÇÃO COM IDEIAS

Como será 2022? Teremos o processo eleitoral mais violento desde 1989. Isso é mais que uma previsão, é uma certeza. O cenário dos três anos de governo Bolsonaro aponta para uma eleição marcada não pela disputa de ideias, mas pela brutalidade, pela selvageria, pela bestialidade. Por um lado, porque Bolsonaro fomentou o ataque sistemático às instituições, aos valores consagrados na Constituição de 1988. Foram meses e meses de ameaças ao Estado democrático de Direito, culminando no trágico 7 de setembro de 2021. Por outro, porque o governo não tem nada a mostrar, nada realizou, não tem o que se chama popularmente de "vitrine". Desta forma, só pode apostar na violência, na desqualificação pelo ódio dos adversários. Teremos, certamente, confrontos de rua, que vão servir, para o extremismo bolsonarista, como instrumentos de mobilização de suas bases e para justificar o discurso de hostilidade à democracia.

**As bandeiras políticas de Bolsonaro são frágeis. Servem apenas para mobilizar sua militância e, especialmente, os robôs nas redes sociais**

As bandeiras políticas de Bolsonaro são frágeis. Não tem consistência. Servem apenas para mobilizar sua militância e, especialmente, os robôs nas redes sociais, que espalham fake news como se fossem propostas de governo. A tendência é que como sinal de desespero frente ao derretimento eleitoral da sua candidatura, ele retome o ataque às urnas eletrônicas e aponte uma suposta fraude no sistema de apuração dos votos. Será um artifício para desviar a atenção do essencial: ele não vai chegar ao segundo turno pois será humilhado à 2 de outubro, quando da primeira consulta aos eleitores.

A tarefa de todos os democratas, independentemente dos matizes político-ideológicos, é de transformar o processo eleitoral em um palco de discussão dos grandes problemas nacionais. O Brasil não pode perder esta oportunidade histórica. Será o momento da apresentação de propostas para que o eleitorado livremente possa escolher um caminho. E para isso é necessário ampla discussão de ideias e não se perder em questões menores ou, muito menos, cair em provocação de extremistas que priorizaram temas absolutamente secundários e carregados de reacionarismo, como, por exemplo, ser ou não favorável a "banheiro trans."

A segunda década desde século foi marcada por anos de recessão econômica. E, socialmente, o país deu um grande salto para trás. Hoje, mais da metade da população vive em insegurança alimentar, isto só para apresentar um dado. É tarefa urgente, urgentíssima, apontar soluções para que o Brasil volte a crescer e possa retomar - e vencer - os grandes problemas nacionais.

# Frases

## "Logo que a gente nasce, nossa mãe nos põe para vacinar"

**MÔNICA CALAZANS,** enfermeira, primeira brasileira a ser imunizada contra a Covid-19, defendendo a urgência de imunizar crianças

## "O SAMBA DE HOJE PERDEU UM POUCO DE SUA IDENTIDADE"

**TIA SURICA,** cantora e representante da Velha Guarda da Portela, ao lançar seu disco *Conforme eu sou*

## "O REGIME NAZISTA GARANTIU O CONTROLE DO MUNDO DA ARTE E O ORIENTOU DE ACORDO COM SUA VISÃO IDEOLÓGICA E RACISTA"

**SABINE PLAKOLM-FORSTHUBER,** historiadora de arte, sobre a exposição com obras do período nazista, em Viena, na Áustria,

## "O PRINCÍPAL OBJETIVO DO LIVRO É FAZER COM QUE AS PESSOAS ENTENDAM O MAL QUE O RACISMO ESTRUTURAL FEZ QUANDO APAGOU REFERÊNCIAS NEGRAS"

**MARIO LUCIO DUARTE COSTA,** o ex-goleiro Aranha, após o lançamento de seu livro, ***Brasil tumbeiro***

## "É UMA VERGONHA MORAL"

**TEDROS ADHANOM,** diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), a respeito da distribuição de vacinas no mundo

## "ARTHUR LIRA TEM A CHAVE DO COFRE E A UTILIZA PARA ACELERAR AS VOTAÇÕES QUE INTERESSAM AO SEU GRUPO"

**MARCO ANTONIO TEIXEIRA,** cientista político



FOTOS: ETTORE CHIEREGUINI/AGIF/AGIF VIA AFP; BRUNO VEIGA; DIA DIPASUPIL/GETTY IMAGES; EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS; ALINE MASSUCA/VALOR

## “Bolsonaro é o inimigo comum a ser batido”

**FERNANDO ABRUCIO,** cientista político, a respeito da estratégia eleitoral que deveria ser adotada pelos candidatos a terceira via

## “MORRI TAMBÉM”

**CRIOLO,** cantor e compositor, sobre a morte de sua irmã vitimada pela Covid

## “NOSSOS VALORES PELOS QUAIS LUTAMOS TÊM DE SER DEFENDIDOS”

**PEDRO ALMODÓVAR,** cineasta, sobre o avanço da extrema direita no Brasil

## “A MULHER NÃO TEM DE OPTAR ENTRE SER MÃE E EXECUTIVA”

**MARGARETH GOLDENBERG,** gestora executiva do Movimento Mulher 360, explicando que também as mães desenvolvem habilidades importantes para o mercado de trabalho

## “NÃO CONSIGO VER O BRASIL COMO ESTRANGEIRO”

**WALTER HUGO MÃE,** escritor português, que nunca escondeu sua paixão pelo País

## “Sim, é possível um brasileiro voltar a vencer a São Silvestre”

**DANIEL NASCIMENTO,** maratonista, segundo colocado na prova de 2021

## “QUE BRASIL A GENTE QUER?”

**CARLA CAMURATI,** atriz e cineasta, ao resumir o seu novo documentário, *8 Presidentes e 1 Juramento*

## “NÃO PODEMOS PENSAR APENAS NO CURTO PRAZO”

**MIGUEL NICOLELIS,** neurologista, sobre o fato de Antony Fauci, conselheiro médico da Casa Branca, ignorar a curva crescente de casos de Ômicron nos EUA

## “Se o governo não atrapalhar já está bom”

**STELLEO TOLDA,** presidente do Mercado Livre

por Germano Oliveira

*Colaboraram: Marcos Strecker e Ricardo Chapola*

# Brasil Confidencial

**PODER FEMININO** Renata Abreu, presidente do Podemos, comanda a campanha do ex-juiz Sergio Moro: a força da mulher

## As mulheres de Moro

**Sergio Moro** tem se destacado na corrida presidencial como o terceiro colocado na disputa, atrás apenas de Lula e Bolsonaro, com amplas possibilidades de galgar percentuais maiores. À ISTOÉ, o ex-juiz diz estar convencido de que vai crescer à medida que a campanha se intensificar e derrotará "o petismo e o bolsonarismo que tanto mal fazem ao País". Por trás de sua candidatura, porém, há várias mulheres, mas duas são essenciais: Rosângela Moro, sua esposa, e **Renata Abreu**, presidente nacional do Podemos, partido ao qual se filiou em novembro. Renatinha tem o "caixa" do partido nas mãos (em 2022, o Podemos terá R$ 229 milhões para a campanha), e nada passa na movimentação de Moro sem que ela tome a decisão final, desde a compra de uma passagem à reserva do hotel.

## Máquina

Renata tem dedicado tanto tempo à campanha que seu marido reclama do uso da residência do casal, até aos domingos, para reuniões. Ela, que acabou de ter um bebê e divide atenções entre a família e os constantes encontros para formular estratégias, afirma ter pesquisas indicando que Moro irá ao segundo turno: "O eleitor não quer a polarização".

## Esposa

A mulher do ex juiz, a advogada Rosângela Wolff Moro, 47, especialista em causas que envolvem doenças raras, está na retaguarda. Ajuda o marido no que pode. Faz até vídeos sobre os passos dele e os publica nas redes sociais. Graças a isso, a audiência de Moro explodiu: já são 3,3 milhões de seguidores só no Twitter (em novembro, eram 2,2 milhões).

## Quem traiu Dilma?

**No badalado jantar de Lula em uma churrascaria dos ricaços de São Paulo, no último dia 19, compareceram lideranças do PT e dos partidos de oposição a Bolsonaro, mas a ex-presidente Dilma Rousseff ficou de fora. Não foi convidada por Lula, que, no entanto, chamou vários membros da cúpula do MDB, que, em 2016, foram acusados de traidores pelos petistas. Renan Calheiros (MDB-AL) estava todo faceiro.**

## RÁPIDAS

* Quem é o deputado André Janones (Avante-MG), 37, do baixo clero, que fez 2% nas pesquisas para presidente? Tem 8 milhões de seguidores no Fecebook, mais do que Lula, com 4,7 milhões. Ganhou fama com a greve dos caminhoneiros em 2018, se elegeu e nada fez na Câmara.

*** O ex-líder do governo no Senado, Fernando Bezerra Coelho, destinou emendas parlamentares no valor de R$ 330 milhões para a prefeitura de Petrolina, que, por coincidência, tem como prefeito seu filho, Miguel Coelho.**

* O União Brasil (fusão do DEM com o PSL) terá a maior parte do fundão público para financiar as campanhas. Será quase R$ 1 bilhão: R$ 604,1 milhões para o PSL e R$ 341,8 milhões para o DEM. Bivar e Rueda esfregam as mãos.

*** Bolsonaro não se emenda. Reduz dinheiro para Saúde e Educação, mas não deixa de destinar R$ 1,74 bilhão a mais em 2022 para conceder aumentos a 45 mil policiais federais. Relegados, auditores fiscais estão furiosos.**



FOTOS: DIDA SAMPAIO/ESTADÃO CONTEÚDO; NELSON ALMEIDA/AFP PHOTO;

## RETRATO FALADO

**"Nunca votei nulo, mas votar em Lula ou Bolsonaro é injustificável"**

*O banqueiro **João Amoêdo**, cofundador do Novo, disse à "Folha" estar pessimista sobre o processo eleitoral que pode deixar de fora do segundo turno um dos candidatos da terceira via, ao contrário do que gostaria. Para ele, que levou uma rasteira da atual direção do Novo, impedindo-o de voltar à Executiva da legenda, tudo indica que a disputa pela presidência em 2022 ficará entre Lula e o atual presidente Jair Bolsonaro, o que o forçará a fazer algo que nunca praticou na vida: votar nulo.*

## TOMA LÁ DÁ CÁ

CLÁUDIA BELDI, PRESIDENTE DO BANCO FINAXIS

***A senhora administra um banco que possui uma carteira de ativos de R$ 13 bilhões. O que espera para 2022?***

A demanda por crédito do consumidor não deve sofrer muito. Ele deverá buscar em relação ao seu consumo aquilo que não conseguiu conquistar em 2020/21. A indústria dá sinais de melhora.

***Qual é a previsão para o mercado financeiro?***

A inflação e o consequente aumento de juros já está precificado. Percebemos um fortalecimento nas operações estruturadas em fundos de investimentos.

***Teme que as turbulências políticas de 2022 afetem o segmento de investimentos?***

Em todo ano eleitoral o mercado fica mais volátil. Quanto a medidas a serem tomadas, continuamos acreditando no crescimento do mercado de fundos.

## No apagar das luzes

O Congresso Nacional, dominado pelo Centrão e em conluio com Bolsonaro, aproveitou o apagar das luzes da última votação do ano antes do recesso para aprovar o Orçamento de 2022, com ingredientes altamente deploráveis. A começar pelo fato de que os congressistas aprovaram uma proposta com a previsão de gastos de R$ 37,5 bilhões para emendas parlamentares, dos quais R$ 16,5 bilhões destinados às emendas de relator. Esses recursos abastecem o chamado "orçamento secreto", que é manipulado apenas por apaniguados do presidente da Câmara, Arthur Lira, e que acabam sendo desviados para projetos pouco transparentes, como a compra de tratores superfaturados em 250%.

## Rombo nas contas

Para bancar as emendas de relator, o Centrão vai tirar os recursos equivalentes dos gastos com as aposentadorias pagas pela Previdência. Mas os técnicos dizem que não há risco de o aposentado ficar sem receber, pois essas despesas obrigatórias serão cortadas de outros setores. O rombo será de R$ 79,3 bilhões.

## O time de Doria

Preparando-se para dar o pontapé inicial na sua campanha para a disputa pela Presidência da República neste ano, o governador **João Doria** começa a montagem do time com o qual entrará em campo nos próximos dias. O tucano acaba de convidar o presidente nacional do PSDB, **Bruno Araújo**, para ser o coordenador da campanha. Bruno já vestiu a camisa.

## Clima de união

Doria está convicto de que a presença do presidente nacional do partido no comando da campanha representará um grande passo para a vitória. "Bruno Araújo tem competência, conhecimento e seriedade para coordenar a vitoriosa jornada pela Presidência", disse à ISTOÉ. Ele já havia convidado Eduardo Leite para elaborar os temas do plano de governo.

## Nos passos de Juscelino

**Rodrigo Pacheco (PSD-MG) está esperando fevereiro chegar para lançar sua candidatura à Presidência da República. O líder nacional do seu partido, Gilberto Kassab, diz que o senador pode se inspirar em Juscelino Kubitschek, mineiro como ele, para se apresentar ao eleitor. O ex-presidente ficou conhecido por seu mote de campanha de realizar "50 anos em cinco".**

FOTOS: JORGE ARAÚJO/FOLHAPRESS; DIVULGAÇÃO; MATEUS BONOMI/AGIF/AGIF VIA AFP

# Coluna do Mazzini

## RÁDIOS NAS ONDAS ELEITORAIS

Está na mesa do ministro das Comunicações, Fábio Faria, o Plano Nacional de Outorgas de rádios comunitárias para 2022, com seis editais programados até novembro a fim de contemplar 432 cidades. É um presentão para os políticos e líderes de bairros populares e um canhão nas mãos do presidente Jair Bolsonaro em ano de eleição. Esmiuçando a lista, descobrem-se curiosidades e coincidências. O Rio Grande do Norte, por exemplo, reduto político do ministro, ganhará 27 novas rádios. Um número significativo em relação a outros Estados — o Acre e Amapá terão só uma rádio, e Rondônia ficou de fora. Cravada no sertão de Pernambuco, Garanhuns, cidade natal de Lula da Silva, terá uma emissora, e do outro lado, em alto-mar, Fernando de Noronha sediará outra. Ao todo, 237 cidades ganharão sua primeira emissora. A meta do governo é autorizar outorgas para cobrir 70,1% dos municípios brasileiros até o fim do ano. Desde 1998 já foram concedidas 4.933 concessões de rádios no País.

**Governo vai autorizar mais 432 rádios comunitárias. Estado reduto do ministro ganhará 27 emissoras. Um presente estratégico em ano de eleição**

### Itamaraty fica nas mãos de senadora

O Itamaraty está em polvorosa com a derrota da senadora Kátia Abreu (Progressistas-TO) para o TCU. Ela fez um esforço para aprovar mais de 20 embaixadores em duas longas sessões, como parte de um acordo para ganhar os votos dos governistas. Deu em nada, pelo notório. Derrotada, Kátia tem mais um ano à frente da Comissão de Relações Exteriores e já devolve a gentileza do lobby sem resultados. Adiou de dezembro para fevereiro a sabatina de 13 diplomatas, na fila para nomeações em importantes embaixadas. A senadora já foi aliada de Dilma Rousseff, Michel Temer e, com a bancada do agronegócio, tenta ser amiga de Bolsonaro. E anda brava.

### Federação no forno

Capitaneados pelo PT, partidos de esquerda estão perto de formalizar federação para as eleições. A despeito da eventual chapa Lula-Alckmin — que espantou a todos —, participam das conversas lideranças petistas, do PSB e do PCdoB. A REDE pode compor, e o PDT foi escanteado. A federação permite que legendas atuem em bloco em votações no Congresso.

### Cobiçado por todos, MDB prefere Doria

A quem insiste saber, num cenário ainda indefinido, com quem vai o MDB na eleição de 2022, o presidente do partido, deputado Baleia Rossi, recorre à disciplina da escola do guia Michel Temer. Desconversa, indicando tudo ser possível. Mas, entre portas, o novo cacique do maior partido municipalista do Brasil, cobiçado por todos os candidatos, crava uma: Se João Doria bater 15% em abril, fecha com o PSDB. E indica Simone Tebet de vice. Baleia Rossi descarta de vez um pré-candidato: Sergio Moro não tem chance. Não diz, porém, se vai punir quem do MDB se unir ao ex-juiz.

FOTOS: FABIO RODRIGUES POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL; LUIS BLANCO GOVERNO DE SÃO PAULO; ISTOCKPHOTO

por Leandro Mazzini 

Colaborou: equipe de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo

## Brasil vira paraíso de abortivos

O comércio de abortivos tem ambiente favorável nas redes sociais do Brasil, com venda facilitada. A constatação está em ação civil pública ajuizada no MPF, nas mãos do procurador Fernando de Almeida Martins, com pedido de tutela de urgência para o Ministério da Ciência e Tecnologia. A pasta é responsável pela coordenação do Comitê Gestor de Internet no Brasil, agora cercado para aprovar resolução cobrando dos provedores das redes sociais – Facebook, Instagram, WhatsApp, Google Brasil – a criação e implementação de "diretrizes/políticas proibitivas específicas para o comércio online".

## Os sertanejos se afogam no pier

A suspensão de viagens de transatlânticos no litoral por causa da variante ômicron deixa artistas em situação ruim. Cantores como Leonardo e Bruno & Marrone venderam shows para cruzeiros. O cachê não sai por menos de R$ 200 mil. O calendário de shows 'al mare' para 2022 está lotado.

## Acabou a pandemia?

Na onda de erros do presidente no combate ao coronavírus, um passa despercebido pela população, mas não para a indústria que já chiou. O Decreto 10.923, de 30 de dezembro, no apagar das luzes de 2021, revoga em abril próximo o decreto de 2020 que zerou alíquota de IPI para artigos de laboratório, de farmácia, e para luvas e máscaras.

## Chalita ganha pontos

No vaivém de egos publicitários dos que se consideram padrinhos da aproximação de Lula da Silva com Geraldo Alckmin, o verdadeiro cupido se omite, com a humildade da alma de quase-padre. Foi Gabriel Chalita quem fez a ponte entre eles para a primeira reunião. E ganhou pontos com ambos. O ex-deputado federal não revela planos.

## NOS BASTIDORES

### Adega famosa na praia

Fernando Cavendish jura que não é dele a cara adega na Fazenda Jacumã, em Trancoso. Admite que foi ao local três vezes. E que os vinhos são de um dos seis sócios da casa.

### Braço forte, mente...

O deputado Daniel Silveira (PTB-RJ), que passou temporada na cadeia após ameaças ao STF, malhou os braços na cela. Não diz se leu um livro, chama a prisão de inconstitucional e não pode dar entrevistas.

### Bateu asas e... sumiu

É curiosa a foto de perfil com slogan de whatsapp de Sidnei Piva, dono da natimorta ITA, que deixou milhares de passageiros no chão. Aparece sorridente, com a frase "Orgulho, paixão e evolução, essa é a cara da Itapemirim Transportes Aéreos".

## Lula insiste em Ciro

**Quem ouviu a conversa garante que Lula da Silva telefonou para Ciro Gomes, à ocasião da operação da PF contra o pedetista, e o convidou para ser ministro da Fazenda, se for eleito. Eles evitam se expor.**

**FUNDAMENTALISMO**
Loja de vestidos na cidade de Herat: lei da degola

SOCIEDADE

## Talibã ordena a decapitação de manequins

Com seiscentos mil habitantes, a cidade de Herat é a terceira em ordem de importância administrativa no Afeganistão. É nela que o governo Talibã ordenou aos proprietários de lojas de roupas que cortem as cabeças de todos os manequins. Motivo: segundo a interpretação desse grupo fundamentalista, que retomou o poder no país com a saída das tropas americanas, manequins com cabeça imitam o corpo humano e tal imitação é contrária à lei islâmica. Conhecendo os métodos de persuasão dos talibãs, como a população afegã já os conhece, ela sabe que, se não decapitar os bonecos, pessoas é que terão a cabeça rolando. A ordem foi dada por Aziz Rahman, chefe do Serviço de Promoção da Virtude e Prevenção do Vício.

**RESISTÊNCIA**
Nara Leão: longe da mocinha frágil e tola

DOCUMENTÁRIO

## A Nara Leão que enfrentou a ditadura

*A cantora Nara Leão foi uma mulher corajosa e inteligente. Surgiu com a bossa nova e explodiu de sucesso nos festivais de MPB na década de 1960. A ditadura militar queria que ela fosse exemplo de moça bem comportada de família tradicional. Quando Nara começou a dar entrevistas revelou-se defensora da democracia, líder feminista e ativista com firmes opiniões contra os ditadores. Essa Nara, a verdadeira Nara, pode ser vista no Globoplay a partir dessa sexta-feira 7, no documentário (cinco episódios)* O canto livre de Nara Leão.

**Quando os militares ameaçaram prender Nara, Carlos Drummond de Andrade escreveu:**

**"Será que ela tem na fala, mais do que charme, canhão? Ou pensam que, pelo nome, em vez de Nara, é leão?".**

ESPORTE

## Novak Djokovic: "besta e bestial"

**NEGACIONISMO** Novak Djokovic: barrado no aeroporto de Melboune

**O técnico de futebol Otto Glória valeu-se dos termos "besta" e "bestial" para denominar colegas de profissão que, durante as partidas, tomavam decisões que levavam seus times a vitórias estupendas ou a derrotas vexatórias. A mesma expressão pode ser empregada para o tenista sérvio Novak Djokovic. Com a raquete nas mãos é o maior vencedor de Grand Slams de todos os tempos, um jogador "bestial". Na pandemia, no entanto, tem sido uma "besta". O governo australiano acertadamente proibiu sua entrada no país. Fica de fora do Australian Open por não comprovar vacinação contra a Covid-19.**

FOTOS: MUNIR UZ ZAMAN/AFP); ACERVO PESSOAL; EYEPRESS NEWS/EYEPRESS VIA AFP


**FUNDADOR**
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
**EDITORA**
Catia Alzugaray
**PRESIDENTE EXECUTIVO**
Caco Alzugaray

**ISTOÉ**

**DIRETOR EDITORIAL**
Carlos José Marques

**DIRETORES**
**DE REDAÇÃO:** Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
**REDATOR-CHEFE:** Marcos Strecker

**EDITORES:** Felipe Machado, Ricardo Chapola (Brasília) e Vicente Vilardaga
**REPORTAGEM**: Denise Mirás, Eduardo de Freitas Filho, Eudes Lima, Fernando Lavieri, Taísa Szabatura e Valéria França
**COLUNISTAS E COLABORADORES:** Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim e Rosane Borges

**ARTE**
**DIRETOR DE ARTE:** Camilla Frisoni Sola
**EDITOR DE ARTE:** Arthur Fajardo
**DESIGNERS:** Alexandre Souza, Claudia Ranzini, Therezinha Prado e Wagner Rodrigues
**INFOGRAFISTA:** Nilson Cardoso

**ISTOÉ ONLINE: Diretor:** Hélio Gomes
**Editor executivo:** Edson Franco
**Editor:** André Cardozo
**Reportagem:** Alan Rodrigues, André Ruoco, Heitor Pires, Larissa Pereira, Letícia Sena, Rafael Ferreira e Vinicius Moreira da Silva
**Web Design:** Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

**AGÊNCIA ISTOÉ: Editor:** Adi Leite
**Pesquisa:** Mônica Andrade (Colaboradora)e Salvador Oliveira Santos
**Arquivo:** Eduardo A. Conceição Cruz

**CTI:** Silvio Paulino e Wesley Rocha

**APOIO ADMINISTRATIVO**
**Gerente:** Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
**Assistente:** Cláudio Monteiro
**Auxiliar:** Eli Alves

**MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA**
**Diretor:** Edgardo A. Zabala

**Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística:** Yuko Lenie Tahan

**Central de Atendimento ao Assinante:** (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

**PUBLICIDADE**
**Diretor nacional:** Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação · **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda · **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

**ISTOÉ** (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.** Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

ANER
www.aner.org.br

# A doce vida

**EM FAMÍLIA**
Jair Bolsonaro, Michelle e a filha Laura, de 11 anos, passeiam de jet ski em praia de São Francisco do Sul (SC)

**OSTENTAÇÃO**
O presidente deu cavalos-de-pau com um carro de exibição no parque Beto Carrero World, em Santa Catarina

As imagens acima não ilustram apenas um presidente aproveitando as férias no final do ano. Representam a visão que Jair Bolsonaro tem da Presidência, como se fosse uma festa permanente, com total desprezo pelo peso do cargo e descompromisso com a população. O mandatário curtiu a véspera do Natal no Forte dos Andradas, em Guarujá (SP), entre os dias 17 e 23, e seguiu para São Francisco do Sul (SC) no dia 27 para passar o Réveillon com a primeira-dama, Michelle, e a filha mais nova. A farra só foi interrompida na madrugada do dia 3, quando foi levado às pressas para São Paulo (leia à pág. 24).

Não há nenhum problema em um chefe do Executivo fazer uma pausa na agenda carregada. Não é o caso de Bolsonaro. O problema é que ele transformou o exercício do cargo em lazer. Sua agenda é escassa em compromissos, que muitas vezes se resumem ao longo do dia em receber religiosos, ministros próximos e aliados como o advogado Frederick Wassef, como ocorreu no dia 30 de novembro (Wassef é aquele que abrigou Fabricio Queiroz, acusado pelo MP-RJ de ser o operador das rachadinhas de Flávio Bolsonaro). Trata-se de um dos presidentes mais inativos da história do País. É conhecido seu hábito de acompanhar as redes sociais de madrugada, o que dificulta a atividade no dia se-



FOTOS: VILMAR BANNACH/PHOTOPRESS/ESTADÃO CONTEÚDO; REPRODUÇÃO DE TV; REPRODUÇÃO REDE SOCIAL

# de Bolsonaro

**As cenas escandalosas da festança no final de ano não ilustram apenas a prioridade pessoal do presidente no seu dia a dia. Representam a sua visão do que seja governar, alheio às responsabilidades e às necessidades da população**

***Marcos Strecker***

**SEM MÁSCARA** Imagem divulgada pelo próprio mandatário mostra aglomeração nas praias de Itaguaçu e Ubatuba, em São Francisco do Sul (SC)

guinte. Enquanto isso, rareiam os despachos no Planalto. A máquina administrativa, que está praticamente paralisada em setores estratégicos (como Educação, Ciência e Tecnologia, Receita Federal etc.), raramente recebe sua atenção. Na Saúde, suas intervenções frequentemente são para interromper iniciativas vitais, como a imunização de crianças contra a Covid. Já visitas a quartéis e formaturas de oficiais estão no topo das prioridades.

O bem-bom na virada de ano refletiu essa linha de conduta. Consagrou o que foi a gestão. Enquanto se divertia em cenários paradisíacos, o estado da Bahia foi acometido por chuvas e enchentes que deixaram quase 30 mortos, centenas de feridos e 35 mil desabrigados. De novo, como ocorreu com os mais de 600 mil mortos na pandemia, Bolsonaro foi fisicamente incapaz de demonstrar empatia com as vítimas. Ele argumenta que sobrevoou as áreas atingidas antes de sair para as festividades e que delegou ao ministro do Desenvolvimento Regional, Rogério Marinho, a responsabilidade de supervisionar a tragédia. Mas não dirigiu nenhuma mensagem a quem perdia tudo, quando não a própria vida. E isso não o impediu de fazer um ataque ideológico ao governo da Argentina, ao recusar a ajuda do país vizinho aos atingidos. E, no dia 5, o próprio Marinho saiu de férias.

Não é que Bolsonaro não respeita a liturgia do cargo. Ele não mostra apetência para exercê-lo. Além do fastio com as suas obrigações, as imagens da fuzarca reafirmam que Bolsonaro ignora o decoro que se espera do chefe da Nação. Do chefe de Estado se anseia recato, decência, dignidade, honradez e pudor. É tudo o que não se viu na bambochata de verão. No parque de diversões catarinense Beto Carrero World, vestido de piloto de corrida, o presidente deu vários cavalos-de-pau em um carro de exibição, aplaudido por uma plateia de apoiadores que gritava "mito!". Pilotou jet ski com a mulher e a filha adolescente em alta velocidade. Nas praias, estimulou aglomerações. Tudo sem máscara, assim como fez a primeira-dama nas lojas, contrariando a legislação do estado. Fez uma fezinha em uma lotérica e cortou o cabelo em um barbeiro local, surpreendendo populares. Antes do Natal, no Guarujá (SP), Bolsonaro dançou em um barco o funk machista "Proibidão Bolsonaro", do falecido MC Reaça, que compara mulheres a cadelas. Todos os passeios contaram com a assistência de servidores e o aparato de segurança presidencial.

**FELIZ** Jair Bolsonaro e o presidente da CEF, Pedro Guimarães (sorrindo), em uma pastelaria no Guarujá (SP)

## POPULISMO ABERRANTE

Com esse comportamento bananeiro, Bolsonaro novamente passa uma péssima mensagem ao mundo. Líderes internacionais sempre usam sua imagem pública para fins políticos. Entre os exemplos negativos, o russo Vladimir Putin desfila sem camisa em cenas de caça para projetar virilidade. Fernando Collor gostava de pilotar jatos e carros potentes para exibir poder, antes de cair em desgraça e sofrer o impeachment. Já a família real britânica é célere em prestar solidariedade em casos de tragédia, o que é encarado como uma obrigação moral. Premiês alemães nunca exibem ostentação ou luxo, um sinal de respeito com a população. Bolsonaro, por outro lado, optou pelas motociatas copiadas do fascismo e pelo apelo popular de baixa extração.

Esse populismo aberrante e vulgar serve para motivar a parcela da população, cada vez menor, que admira incondicionalmente os excessos do presidente. Mas causa indignação na maioria que espera a solução dos problemas urgentes que acometem a sociedade, como o desemprego, a disparada da inflação e a crise na Saúde. Na administração pública, esse comportamento só ajuda a desmobilizar os servidores. Na comunidade internacional, ele é recebido com aversão e desprezo. Não é à toa que Bolsonaro não tem interlocutores no cenário internacional, apesar de estar à frente de uma das maiores economias do mundo. Quando tentou transformar a Assembleia Geral da ONU, em Nova York, no seu cercadinho, em setembro passado, apenas estampou em nível mundial sua desconexão com a realidade, o que já havia feito nos raros encontros de cúpula em que foi convidado. Não contribuiu um milímetro para trazer o País ao centro dos debates mundiais.

A comunicação oficial, que deveria nortear a administração e esclarecer a população, virou um instrumento de ataques aos adversários. O presidente usa seus canais próprios em redes sociais para desinformar ou propagar notícias falsas (está sendo investigado pelo STF por isso), enquanto menospreza o contraditório e se recusa a passar pelo crivo da opinião pública. Acha que pode governar pelas redes sociais. A imprensa, além de ignorada nas manifestações oficiais, é frequentemente alvo de suas investidas. O



FOTOS: REPRODUÇÃO REDE SOCIAL; DIETER GROSS/ISHOOT/ESTADÃO CONTEÚDO; REPRODUÇÃO REDE SOCIAL

**CONTAGEM REGRESSIVA** Com a primeira-dama Michelle, Bolsonaro aproveitou o último dia do ano no litoral catarinense

**DE VOLTA** No dia 5, quando retornou a Brasília, Bolsonaro compareceu a jogo de futebol em Buriti Alegre (GO)

**"PROIBIDÃO"** Em um barco no Guarujá, o presidente canta e dança um funk que compara mulheres a cadelas

presidente acha que pode legitimar seu governo por meio da desinformação digital e da espetacularização do cercadinho, onde só recebe fãs e destila ódio generalizado. As imagens estivais coroaram a forma Bolsonaro de enxergar o País.

Com a péssima repercussão da folia, os aliados saíram em sua defesa. A deputada bolsonarista Bia Kicis disse que o presidente "precisa descansar para aguentar o rojão". De volta a Brasília, o próprio mandatário tentou se justificar. "Fizemos coisas fantásticas ao longo desses dias que dificilmente outro governo estaria fazendo. O presidente não tem férias. É maldoso quem fala que estou de férias. Eu dou minhas fugidas de jet ski. Dou lá uns cavalos de pau no Beto Carreiro", afirmou.

Esse foi o último Réveillon antes das eleições presidenciais, em que Bolsonaro se arrisca fortemente a perder o posto. Pode ser a primeira vez que isso acontece desde a redemocratização. Sua conduta "Living La Vida Loca", emulando a música pop, pode ser uma estratégia para animar a militância desafiando a opinião pública (como sempre fez), simples negação psicológica de um cenário catastrófico que se desenha, ou pura alienação de um turista acidental da história. Como se sabe, a fanfarronice teve um final amargo. Mas esse resultado não alterou em nada a rotina do chefe do Executivo. No mesmo dia em que voltou a Brasília, Bolsonaro compareceu a um jogo de futebol em Buriti Alegre (GO), promovido pelos cantores sertanejos Gusttavo Lima e Marrone, da dupla Bruno & Marrone. Chegou de helicóptero pouco antes das 20h e deixou o estádio às 23h15. A festa, como diz o dito popular, precisa continuar. ■

# A farra foi boa

**Consequência dos excessos no fim de ano, Bolsonaro foi internado às pressas para cuidar de uma suboclusão intestinal. O presidente usou a doença para tentar sensibilizar a população e lembrar o atentado à faca de 2018**

***Eudes Lima***

Bolsonaro começou o ano enfezado, literalmente. O responsável foi um camarão maroto, não mastigado devidamente, que causou suboclusão no intestino do presidente. Assim foi informado pela equipe médica que deu alta ao ex-capitão na quarta-feira, 5. Ele foi internado às pressas na segunda-feira, 3, no Hospital Vila Nova Star, em São Paulo, após excessos do fim de ano, que cobraram a conta. Aos 66 anos, é como se o mandatário tivesse o complexo de "übermensch" — termo que o filósofo Nietzsche criou para identificar seres superiores aos demais. O mandatário se considera um super-homem e, por isso, não reconhece as limitações humanas.

Inicialmente, foi cogitada uma obstrução intestinal. Chamado às pressas, o médico Antônio Macedo voltou de viagem nas Bahamas para atender o paciente que acompanha desde a facada na campanha eleitoral de 2018. O avião fretado para trazer o médico custou ao menos R$ 300 mil. Quando Macedo chegou, logo descartou a necessidade de cirurgia. A medicação foi suficiente para desobstruir o intestino.

## O PROBLEMA

Bolsonaro teve uma suboclusão. Por isso, precisou tomar remédios e suspender a alimentação. Se fosse uma obstrução, passaria por cirurgia

Consultado por ISTOÉ, o médico gastroenterologista Hercio Cunha explicou que na obstrução intestinal a única solução é a cirurgia. "Quando isso acontece, a pessoa começa a vomitar fezes." Como o que aconteceu foi uma suboclusão, quadro em que o intestino funciona com restrições, "é preciso ficar em jejum e tomar remédios". Cunha explicou que quem passa por cirurgias no abdômen costuma ter sequelas. Depois da facada, o presidente pode ter ficado com uma angulação inapropriada que impede o funcionamento correto do sistema digestivo. O gastroenterologista afirmou que não é necessário fazer uma dieta específica. "O problema é o exagero. O presidente deve ter um intestino menor. Ele precisa de uma alimentação mais regular e mais saudável."

**MÁRTIR** Depois da festança no final de ano, o mandatário divulgou foto como vítima, no hospital

O episódio gerou comentários excêntricos nas mídias sociais. A deputada estadual Janaina Paschoal (PSL) afirmou que "colocaram tanto olho gordo na viagem do presidente, que o pobre até adoeceu!". A frase da professora livre docente da USP viralizou e os internautas questionam se ela acredita mais no olho gordo do que em vacinas.

Bolsonaro, a primeira-dama Michelle e os filhos tentaram causar comoção e lembrar o atentado de 2018. Os adversários, por sua vez, alertaram para uma estratégia eleitoral capciosa. Faz sentido. O ex-capitão fugiu dos debates nas últimas eleições e, com a popularidade em baixa, tende a se esconder atrás da enfermidade. O ano só está começando. ■

# Ciranda partidária

**Seduzido pelo PL de Valdemar Costa Neto, Bolsonaro desempacou a tradicional corrida por legendas para a disputa eleitoral em 2022**

***Eudes Lima***

**ATRAÇÃO** A máquina do governo federal costuma arrebatar políticos para a sigla escolhida pelo presidente da República

Um movimento desordenado está ocorrendo entre os políticos e partidos que estiveram próximos ao presidente durante o atual governo. O caos é fruto da demora de Bolsonaro na escolha da sua nova casa partidária. Depois de paquerar com muitas siglas, o ex-capitão foi seduzido pelo PL de Valdemar Costa Neto, o que promete promover uma ciranda partidária com as mais diversas configurações. Também há o fato de o mandatário estar patinando nas pesquisas e parlamentares fiéis ao Planalto repensarem sua estratégia eleitoral a partir do baixo desempenho eleitoral do chefe do executivo.

Mesmo antes da filiação, o vice-presidente da Câmara, Marcelo Ramos, já havia mostrado desconforto em permanecer no novo partido do presidente. Ele se desfiliou em 23 de dezembro. Maior bancada de apoio ao governo na Câmara, com 43 deputados, os Liberais podem perder outros cinco parlamentares. Mas o poder de atração da Presidência deve trazer os escudeiros de Bolsonaro. Além do seu filho Eduardo, bolsonaristas como Carla Zambelli, Bia Kicis e Hélio Negão devem acompanhar o presidente (a maioria dos 20 deputados devem vir do PSL).

Nos bastidores, no entanto, há o temor de que o PL fique inchado demais. São muitos candidatos para dividir a verba partidária. A disputa seria fratricida. Por isso, alguns parlamentares podem continuar na legenda atual e fazer jogo duplo na campanha. Os postulantes aos governos dos estados são outro problema. A ciumeira de PP e Republicanos é pública. A equação é bem complicada e conta ainda com a saída de 11 ministros que devem concorrer aos governos estaduais e ao Senado.

O União Brasil terá ao seu dispor a cifra de R$ 1 bilhão para investir nas eleições. Sem um candidato oficial à Presidência, a promessa é que todo o dinheiro fortalecerá a bancada de parlamentares e que a sigla consiga eleger mais governadores. A saída de bolsonaristas não incomoda a legenda.

O mesmo poder de adesão tem atraído políticos para os partidos de apoio ao ex-presidente Lula. Liderando as pesquisas, o petista emplacou a filiação do deputado Marcelo Freixo e do governador do Maranhão no PSB (eles saíram do PSOL e PCdoB, respectivamente). O PSB vinha negociando com Ciro Gomes, mas abandonou o barco. Em torno de Lula ainda orbita o PSD de Kassab. A legenda não bateu martelo, mas pode vir de lá a filiação do ex-governador Geraldo Alckmin, que abandonou o PSDB e negocia para ser candidato a vice-presidente. No entanto, críticos ao PT prometem sair de PSD e PSB, como é o caso do deputado Felipe Rigoni que vai para o União Brasil. ■

**AMBIÇÃO** Com R$ 1 bilhão em recursos, o União Brasil de Luciano Bivar vai priorizar governadores

FOTO: SÉRGIO LIMA/FOLHAPRESS; FOLHAPRESS

# A revolta dos servidores

**Ao privilegiar os policiais com aumentos salariais, o presidente criou uma crise no funcionalismo. Categorias se mobilizam, milhares entregaram os cargos e a paralisação já afeta importações, com risco de desabastecimento. O movimento se espalha e pode desembocar em uma greve geral**

***Ricardo Chapola***

A decisão de Bolsonaro em conceder reajuste salarial apenas aos policiais federais no fim do ano passado desencadeou uma verdadeira rebelião de outras categorias do funcionalismo público que protestam por aumento. Revoltados, sindicatos que representam funcionários da Receita Federal e do Banco Central resolveram, nos últimos dias, engrossar uma paralisação marcada para o dia 18, assim como uma greve geral prevista para fevereiro. A tendência é que a lista de insurgentes aumente e vire mais um fator de desgaste para o presidente, que vai disputar a reeleição com a popularidade em queda livre.

O aumento às forças de segurança foi uma imposição de Bolsonaro contra a vontade do ministro da Economia. Paulo Guedes diz que a União não tem dinheiro para custear reajuste salarial para todos os funcionários. "Se aumentarmos os salários e a doença (Covid)



FOTOS: PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; DIVULGAÇÃO

**REBELIÃO** Banco Central, em Brasília: servidores em cargo de chefia decidiram entregar os cargos

## Jair Bolsonaro arrasta o País para mais uma crise fabricada por ele mesmo

voltar, quebramos!", alertou o ministro. "Temos que ficar firmes. Sem isso, é Brumadinho: pequenos vazamentos sucessivos até explodir a barragem e morrerem todos na lama." O aviso não comoveu Bolsonaro e foi ignorado pelos servidores. Algumas categorias já iniciaram operações-padrão. Auditores da Receita Federal atrasaram a liberação de cargas de trigo no Porto de Santos. Em Roraima, centenas de caminhões ficaram paralisados na fronteira, segundo o governador.

De fato, a União não tem condições de arcar com essa conta. O Orçamento de 2022 reserva ao Executivo apenas R$ 1,7 bilhão para a concessão de reajuste — valor insuficiente até mesmo para cobrir os R$ 2,8 bilhões necessários para bancar somente a reposição salarial dos policiais. Guedes tem avisado Bolsonaro de que só conseguiria abrir espaço no Orçamento para financiar os reajustes se o governo conseguisse aprovar a reforma administrativa. É apenas um truque retórico. Não há chance de o Congresso fazer essa mudança em pleno ano eleitoral. Além disso, o próprio presidente sabotou essa iniciativa desde o início da gestão.

**NAS FRONTEIRAS** Policiais em Viracopos: enquanto a PF recebe aumento, auditores da Receita fazem operação-padrão

"Ao dar esse aumento aos policiais, o governo meteu a mão na cumbuca. Não tem espaço para aumento salarial. Não sabemos de onde está pensando em tirar esse dinheiro. Isso gera expectativa em todas as categorias e, sobretudo, aumenta o risco de haver paralisações perigosas não só para o governo mas para o Brasil", criticou o deputado federal Arthur Maia (DEM), que foi relator da proposta da reforma administrativa paralisada na Câmara.

### BOLA DE NEVE

Para pressionar o Planalto, categorias passaram a entregar cargos de chefia em órgãos federais. Foi, por exemplo, a decisão tomada pelo Sindicato Nacional dos Funcionários do Banco Central (Sinal). O Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal (Sindifisco) estima que mais de 1.200 funcionários já abriram mão de seus cargos de chefia. "Cortes injustificáveis no orçamento da Receita, ausência de reposição dos quadros, descumprimento do acordo salarial, pressões para nomeações injustificadas e concessões de privilégios aviltam nosso cargo e nossa instituição", diz, em tom de ameaça, uma nota divulgada pelo Sindifisco. "Não permitiremos a destruição da Receita Federal, nem a desvalorização do nosso cargo." O processo é capitaneado pelo Fórum Permanente de Carreiras Típicas de Estado (Fonacate), representante de 30 categorias. Se receber apoio do Fórum das Entidades dos Servidores Públicos Federais (Fonasefe), o que é provável, a mobilização virará uma bola de neve. Juntos, os dois fóruns representam 80% do funcionalismo, composto por 585 mil servidores ativos.

"Dar reajuste só para uns e não para outros é algo bastante complicado, porque gera assimetrias na máquina pública. Ter servidores de um concurso com salário melhor que outros estimula que alguns órgãos percam bons profissionais para órgãos do próprio Executivo. Essa autofagia não é boa para ninguém", afirmou o presidente do Sinal, Fábio Faiad à ISTOÉ. A cúpula da entidade tenta agendar uma reunião com o presidente do BC, Roberto Campos Neto, desde novembro passado, mas nunca foi atendida. "Sabemos que ele é próximo a Bolsonaro. Tudo o que os funcionários do banco querem é a reposição da inflação. Eles não aceitam ser preteridos", diz. Outras categorias ameaçam se juntar ao movimento, como funcionários da Controladoria-Geral da União (CGU), diplomatas, servidores da Saúde, da Previdência, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), peritos médicos e auditores agropecuários. Toda a trajetória política de Bolsonaro foi dedicada à defesa de pautas corporativistas e pelos privilégios a categorias que o apóiam. Defendeu, por exemplo, greves de caminhoneiros e motins de policiais de forma irresponsável. Agora, o mandatário pode arrastar o País para mais uma crise fabricada por ele mesmo. ■

CORONAVIRUS COVID-19 CORONAVIRUS COVID-19

# Ela veio para ficar

A explosão de contágios mostra que o coronavírus está mais forte do que nunca em termos de transmissibilidade e que as vacinas e as máscaras se impuseram de vez na rotina da população mundial. Mas já há os primeiros sinais de que a doença vai se tornar endêmica, permanente nas comunidades, com retorno sazonal e menos mortífera

***Vicente Vilardaga***

Há muita incerteza sobre a severidade dessa quarta onda pandêmica e sobre como a doença se desenvolverá a partir de agora. Nesta semana, o número de registros de Covid-19 dobrou globalmente e na quarta-feira, 4, foi batido o recorde de casos no mundo em um só dia, com mais de 2,5 milhões de pessoas contaminadas. Em toda parte, os serviços médicos estão sob pressão e os pronto-socorros, lotados. Não só por causa da variante Ômicron, que se apresenta com extrema virulência, 70 vezes maior que a Delta, mas também devido a outras doenças respiratórias, no caso brasileiro especialmente da influenza H3N2, fortalecida inesperadamente fora da sazonalidade do fim do outono. Um dos diferenciais da nova etapa da pandemia é o surgimento da "flurona", o contágio simultâneo pela gripe e pela Covid-19. No Brasil, pelo menos uma centena de combinações desse tipo foi identificada. Percebe-se, porém, que apesar da explosão de contaminações, a letalidade da nova variante tem sido menor que a de cepas anteriores. O fator determinante para essa queda das mortes é o avanço da vacinação. Mas estudos feitos pelo Conselho Sul-Africano de Pesquisa Médica, no país onde a Ômicron surgiu, com só 24% da população imunizada, mostram que ela não afeta tanto os pulmões, e concentra seus sintomas nas vias respiratórias superiores sem causar pneumonias severas e levar tantas pessoas à UTI. "A Ômicron atingiu o pico sem implicar numa mudança alarmante nas internações", disse o ministro da Presidência, Mondli Gungubele.

Pode ser um indicador promissor de que a doença está refluindo para começar a se tornar endêmica nas comunidades afetadas, o que significa que ela nunca mais vai mais desaparecer do mapa, mas deixará de ser tão mortífera. "A expectativa de qualquer epidemia é que surjam novas variantes e o fato de ter mais mutações não implica em mais patogenicidade", afirma a médica Margareth Dalcolmo, pesquisadora da Fiocruz. "As epidemias de infecção respiratória têm ondas e uma hora acabam". Ou reaparecem sazonalmente como a influenza, fantasma que aterroriza a humanidade há mais de cem anos, e que se



FOTOS: ANDRÉ RENNER/AP PHOTO; ISTOCKPHOTO

**NOVO NORMAL**
Mulheres com máscaras dentro do metrô, em São Paulo: medidas de proteção vão continuar, mas a pandemia pode estar mais perto do fim

tornou endêmica, doença de risco relativamente controlado, mas capaz de causar danos graves nas populações suscetíveis que só podem ser contidos com a vacinação. Junto com a vacina e seu impacto para evitar os piores sintomas da Covid-19, Dalcolmo considera que há uma grande "plausibilidade biológica" de que a Ômicron possa ser "o começo do fim da pandemia", indicando uma espécie de adaptabilidade natural, "quase darwiniana", do hospedeiro (ser humano) ao patógeno (agente infeccioso). "Por ter se tornado pandêmico é esperado que o Sars-Cov-2 não desapareça, ele vai permanecer entre nós. Vai fazer parte de um grupo de vírus que fica no ar", acredita.

Isso significa que a atenção e os cuidados precisam ser redobrados porque a partir de agora a ameaça será permanente. As festas de fim de ano e uma vontade geral de libertação levam cada vez mais gente a abandonar cuidados básicos e explica o recorde de contágios. A lição dos cruzeiros marítimos, onde turistas são infectados em massa, também mostrou que não é hora de retomá-los, já que os navios continuam sendo um ambiente altamente favorável à contaminação. A princípio, eles foram interrompidos no Brasil até o dia 21 janeiro. Em São Paulo, os casos aumentaram 30% nos últimos dez dias com alta incidência da Ômicron. No Rio, os testes positivos dispararam - um em cada três testados está com a doença. A taxa de positividade para testes em janeiro é de 13%, enquanto, em meados de dezembro, esse percentual foi de 1%. O número de internações nos primeiros cinco dias do ano foi equivalente a 80% do total registrado em dezembro. O relaxamento das medidas de isolamento é o principal fator que leva a esse crescimento. Mas lacunas de imunização importantes como a de crianças e adolescentes, vetores de transmissão, também contribuem para o aumento da circulação do vírus. Por obra do governo federal, que fez de tudo para boicotar a vacinação infantil e tentou exigir prescrição médica, será impossível vacinar essa população de jovens, estimada em cerca de 20 milhões de pessoas, antes do começo do ano letivo. Para Dalcolmo os contágios ainda devem crescer nas próximas três ou quatro semanas.

Além da Ômicron, uma nova variante foi identificada no Sul

da França, a IHU. Mas o gerente de incidentes da Organização Mundial de Saúde (OMS), Abdi Mahamud, disse que a variante IHU está sendo monitorada desde 3 novembro e até agora não representou grande ameaça. Quanto à Ômicron, ele afirmou que embora esteja se espalhando rapidamente tem resultado em menos mortes - na África do Sul, em dezembro, pico do contágio da nova cepa, o número de óbitos ficou em níveis 60% menores do que os verificados na segunda onda, em janeiro de 2021. "A vacinação continua sendo essencial principalmente para as populações vulneráveis", alertou. Em sete dias os casos duplicaram no mundo, mas a taxa de letalidade do vírus, que chegou a 2% no ápice de pandemia, não acompanha esse aumento. Poucos casos fatais são associados à nova cepa. Nos EUA, onde já morreram 830 mil pessoas pela doença, as contaminações também dobraram, mas o número de óbitos caiu 15%.

**PERIGO** Passageiros do navio MSC Preziosa, que teve vários infectados, aguardam o desembarque no Porto do Rio

**"As últimas variantes causavam uma lesão pulmonar extrema, mas a Ômicron diminuiu a capacidade do vírus de produzir doença grave"** **Gonzalo Vecina Neto**, médico sanitarista

Para o médico sanitarista Gonzalo Vecina Neto, aparentemente, a Covid-19 está dando sinais de que se tornará endêmica. "O vírus sofreu muitas mutações, o que levou a uma mudança no padrão da doença que afetava o ser humano", diz. "As últimas variantes causavam uma lesão pulmonar extrema, mas a Ômicron diminuiu a capacidade do patógeno de produzir doença grave e seu ciclo é mais rápido do que o da Delta". Diante desse novo cenário, segundo ele, a questão prioritária, não só no Brasil, mas em todo o mundo, é a vacinação, o caminho mais seguro para diminuir a circulação do vírus e para conseguir controlar de uma vez por todas a pandemia. "Precisamos pensar que a Ômicron, embora seja menos letal, se espalha muito e por isso todos os cuidados precisam ser mantidos, como o uso de máscaras, o passaporte social e o distanciamento", afirma. "Ainda que seja mais benigna, ela continua afetando severamente pessoas com comorbidades e os idosos, que são mais vulneráveis". O momento exige muita atenção e não é hora de baixar a guarda. Mesmo que realmente enfraqueça, o coronavírus continuará sendo uma ameaça constante. ■

**CONTROLE** População de Nova York recebe kits de testes que são distribuídos gratuitamente: recorde de 265 mil casos em um dia



FOTOS: GABRIEL DE PAIVA/AGÊNCIA O GLOBO; CRAIG RUTTLE/AP PHOTO

# No lugar do chope, vinho

**Em balcões de bares e restaurantes, a bebida sai agora gelada da torneira** *Valéria França*

Uma nova onda vem se espalhando pelos bares, restaurantes da moda e até mesmo festas. A diversão é tomar vinho gelado (a 2 graus) direto do barril. Trata-se de um sistema de torneiras, parecido com o do chope, ligado, por serpentinas, a um tonel de inox de 20 litros. Apesar da semelhança com as chopeiras, ele tem especificidades próprias e a bebida sai como se fosse vinda da garrafa, elegantemente sem espuma. A ideia do vinho na pressão surgiu há um ano, em plena pandemia, em São Paulo e já chegou ao Rio de Janeiro. Pode parecer estranho tamanha banalização dos rituais, que normalmente envolvem a bebida, mas a ideia vem agradando ao público. No País, o consumo do vinho aumentou 28%, entre 2019 e 2020, enquanto o da cerveja 1,7%. "Além disso, o brasileiro se destaca no mercado global como o consumidor mais aberto às novidades", diz o consultor Rodrigo Lanari, fundador da Winext. Sete de cada dez apreciadores gostam de expandir o paladar, de acordo com o relatório Wine Brazil Landscape 2021, realizado pela consultoria inglesa Wine Intelligence.

"Nos EUA, vinho na torneira é bem comum. Esse sistema preserva mais a qualidade da bebida, do que o das garrafas com dosadoras", diz André Penazzi, 33 anos, incorporador de prédios populares do Nordeste. A moda ainda não chegou em João Pessoa, onde mora," infelizmente", segundo ele. Se nos EUA, o sistema permite que o consumidor experimente vários rótulos, no Brasil, ele fica restrito ao blend nacional. Alguns se surpreendem ao descobrir a procedência, Caxias do Sul. Esse foi o caso da arquiteta paulistana Fernanda Negrelli, que passou as férias em Portugal, praticando hipismo e, sempre que possível, experimentando novos rótulos do país. Nesse início de ano, ela descobriu a novidade do vinho na torneira. "Gostei muito do rosé. É muito refrescante e senti um aroma floral", disse ela. Essa tendência renasceu em São Paulo, devido ao projeto Tão Longe, Tão Perto, da sommelier Gabriela Monteleone, de 38 anos, e do argentino Ariel Kogan, importador de vinhos. A ideia da dupla é privilegiar a produção nacional e estabelecer a ponte direta com o consumidor.

## OPÇÃO SUSTENTÁVEL

"Por ter o envase mais sustentável, diminui a pegada de carbono", conta Gabriela, referindo-se à eliminação das garrafas no processo. O comerciante precisa apenas abastecer o tonel de inox na loja conceito do projeto, que funciona no Futuro Refeitório, em Pinheiros, bairro paulistano conhecido pelas opções gastronômicas. Para o consumidor, uma das vantagens é o preço. "A meia garrafa e o copo nunca são um bom negócio para o bolso, mas o vinho tirado na torneira tem preço mais atraente", diz o argentino Luciano Nardelli, de 43 anos, sócio do Carlos Pizza, que conta com duas torneiras. O vinho chileno em taça sai por R$ 39, o da torneira, R$ 28. "O sistema tem ajudado muito a aumentar a penetração da bebida nacional", diz Lanari. "Apesar de o brasileiro ainda ter ressalvas com o produto local, o nosso vinho melhorou muito. Aos poucos a percepção vem mudando, com incentivos de projetos como o Tão Longe, Tão Perto." ■

**PRAZER** A arquiteta Fernanda Negrelli, na Carlos Pizza, se surpreendeu com o frescor da bebida

FOTO: WANEZZA SOARES

FOTO: ISTOCKPHOTO

# Momento da decisão

As eleições **presiden c**
o populismo que col c
cisa se unir e acertar s
preparada para comb a

Marcos Strecker e Ricardo Chapola

**iais de 2022** representam uma oportunidade para o País superar
ocou a economia em uma encruzilhada. Mas o centro ainda pre-
sua estratégia contra a polarização. Apesar de a Justiça estar mais
ater as **milícias digitais**, o pleito ainda será marcado por **tensão**

**PULSO DAS RUAS**
Manifestantes em Brasília, em 2019: pleito deste ano ainda será marcado pelo radicalismo

FOTO: ANDRESSA ANHOLETE/GETTY IMAGES VIA AFP

Depois de anos de polarização política, que explodiu com o colapso dos 13 anos de governo petista, e de uma crise econômica que jogou o País na maior recessão da história (ainda não plenamente superada), o País vai às urnas este ano com a possibilidade de superar o radicalismo. Ao contrário de 2018, o eleitor agora estará mais atento à experiência dos candidatos. Haverá mais espaço para a política tradicional e menos chances para outsiders. O desenho da disputa marcada para 2 de outubro já está praticamente definido. Bolsonaro concorrerá pela direita, orientado pelo mesmo discurso extremista que o elegeu e diante do desafio de contornar o desgaste que sua própria imagem vem sofrendo, fruto de um mandato irresponsável e repleto de erros do começo ao fim. Ameaçado, o mandatário pode se tornar o primeiro candidato à reeleição a perder a cadeira. E, para que isso não ocorra, está disposto a fazer o que for preciso. Vai acelerar o uso da máquina pública para irrigar os cofres de aliados, principalmente por meio do orçamento secreto, e distribuirá benefícios eleitoreiros.

A esquerda, por outro lado, conta novamente com Lula para retomar o poder. Após ser preso por corrupção, o petista volta à cena política tendo pela frente dois adversários antigos: Moro, responsável pela sua prisão, além, é claro, do próprio capitão. Fora isso, precisará contornar o antipetismo que se agravou no País após o escândalo do Petrolão e que atingiu em cheio não só o ex-presidente, como também seu partido. No campo esquerdista, Lula só conta com a sombra de seu ex-ministro Ciro Gomes, que disputará pela quarta vez e até agora mantém sua pré-candidatura pelo PDT, mesmo sem empolgar

**VITRINE** João Doria usará suas realizações, como o metrô, como credencial

nas pesquisas.

Por enquanto, as pesquisas ainda dão ampla vantagem para Lula, seguido de Bolsonaro, mas o cenário deve evoluir. O petista ainda não sofre a crítica dos adversários e surfa na anulação dos seus processos, que tenta ostentar como uma absolvição. Quando a disputa esquentar, a partir de abril, as campanhas vão explorar o antibolsonarismo e o antipetismo, e isso pode abrir espaço para o centro. "Vai ser uma eleição bastante acirrada, principalmente pensando que vai ser aquela em que o presidente em exercício é o que tem menos chance de se reeleger entre todas as disputas até aqui", avalia Glauco Peres, professor de Ciência Política da USP. "Isso acontece porque não há dois candidatos óbvios favoritos para o segundo turno. Das eleições recentes, essa é aquela em que o terceiro candidato tem mais chance de ir para um segundo turno do que em todas as anteriores."

Peres considera que o fortalecimento do nome da terceira via depende também do fracasso dos programas que Bolsonaro lançar nesse período, enquanto estiver em campanha. A principal aposta do chefe do Executivo é o Auxílio Brasil. Além disso, investe em empréstimos massivos com dinheiro da CEF e terá um cronograma recheado de inaugurações pelo País. "Tirar Bolsonaro do segundo turno demanda tirar a capacidade do governo de fazer votos", diz Peres. Assim como também pesará a péssima situação econômica do País, com alta da inflação, aumento do desemprego e perspectiva de recessão. "A economia vai mal. O governo vai ser penalizado por isso. Bolsonaro vai perder apoio, e uma terceira via teria como avançar em cima desse eleitorado. Mas só se usar a estratégia correta na campanha", pontua Fernando Guarnieri, professor de Ciência Política da UERJ. Também pesa contra o presidente sua atuação temerária na pandemia, quando utilizou a estrutura de Estado para difundir mentiras.

Hoje, Moro leva vantagem sobre os outros pré-candidatos do centro. O ex-juiz abriu frentes de diálogo na tentativa de convencer os demais partidos de que a sua candidatura é a que mais tem chances de derrotar Lula e Bolsonaro. Já se reuniu algumas vezes com Doria, num movimento visto em Brasília como um sinal de que ambos caminharão juntos em algum momento. "Como Moro deu a largada ao se filiar ao Podemos e anunciar sua candidatura, ele acabou ocupando o espaço da terceira via. Mas, pelo que ouvi, Doria e Moro vão se juntar", confidenciou um influente dirigente partidário. Há dúvidas se o ex-ministro da Justiça se manterá na atual posição. Para sua campanha ganhar capilaridade e ter um naco considerável do Fundo Eleitoral, Moro já tenta se unir ao União Brasil — legenda que surgiu da fusão entre DEM e o PSL. Com a junção das duas siglas, o União Brasil passou a comandar a maior fatia desse fundo. Queria ter um candidato próprio nas eleições, como o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, mas caminha para apoiar Moro, possivelmente indicando Luciano Bivar (presidente da legenda) para vice.

O governador de São Paulo, João Doria, deixou para esse início de ano suas primeiras viagens como candidato do PSDB. Aposta que a partir daí conseguirá maior visibilidade nacional, exibindo as realizações em São Paulo, que teve um crescimento maior do que o País na pandemia. Também conta com avanços importantes para o País, como a viabilização da vacinação nacional há um ano, o que forçou Bolsonaro a acelerar a compra de imunizantes. Por ocupar a posição de maior antagonista do presidente nos últimos anos, e ser um adversário histórico de Lula, Doria avalia que conseguirá atrair os eleitores insatisfeitos com os dois polos.

**POPULISMO** O presidente Jair Bolsonaro posa com populares em Esteio (RS)

FOTOS: GOVERNO DE SP; ALAN SANTOS/PR

Correm por fora outros três pré-candidatos: Rodrigo Pacheco (PSD), Simone Tebet (MDB) e o senador Alessandro Vieira (Cidadania), todos com pouca força nas pesquisas de intenção de voto divulgadas até aqui. Dificilmente conseguirão entrar no primeiro pelotão, apesar da torcida nos seus partidos. "Espero que a eleição não seja maniqueísta. Nomes como Simone e Rodrigo, novidades em meio a outros já consolidados, ajudam a arejar um pouco o ambiente e dão mais condição para o eleitor observar melhor as coisas na hora de votar", diz o vice-presidente do Senado, Veneziano Vital do Rêgo (MDB). Mas o caminho não será fácil. Seu partido lançou a pré-candidatura de Tebet a despeito de muitos caciques terem ficado contrariados.

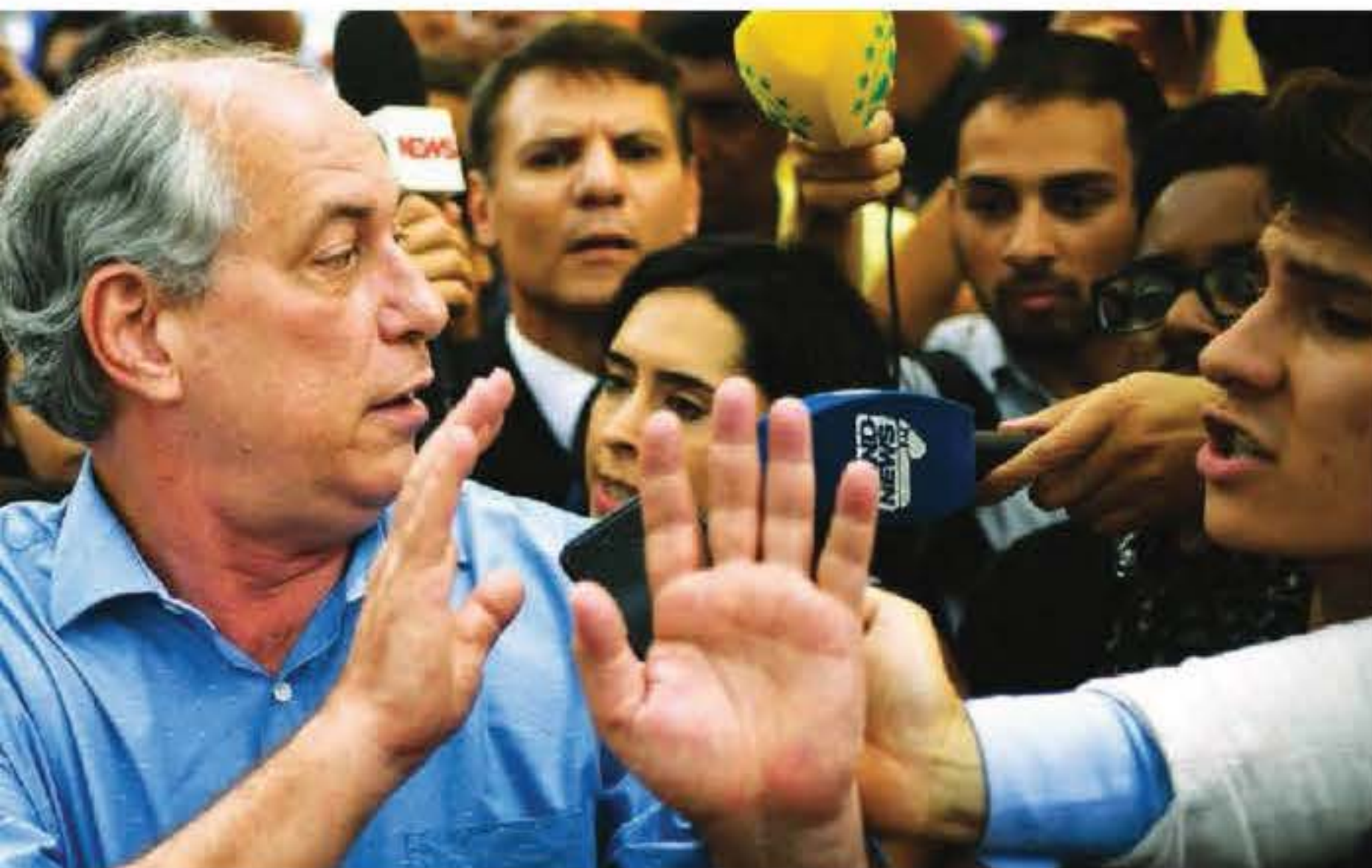
Até agora, ninguém do campo de centro sinalizou que estaria disposto a abrir mão da própria candidatura em nome de um projeto maior. Apenas o senador Alessandro Vieira admitiu, em entrevista recente, que pode desistir. "É de se imaginar que várias candidaturas murchem à medida que um nome comece a mostrar que tem mais chance para vencer Bolsonaro ou Lula no segundo turno", afirma Peres. Para ele, Moro e Doria figuram como favoritos a capitanear a terceira via. Ele prevê que, em algum momento, ambos formarão uma aliança para fortalecer o projeto e aumentar as chances de segundo turno. "A terceira via, na prática, passa por problemas semelhantes aos da esquerda. Também precisa montar a sua própria frente ampla", afirmou um emedebista.

**CASAMENTO** Lula abraça seu possível vice, o ex-tucano Geraldo Alckmin

No campo esquerdista, desde que Lula vislumbrou a possibilidade de se candidatar, muitos parlamentares passaram a defender a ideia da formação de uma frente ampla, sob o argumento de romper a bolha da esquerda e atrair votos que pudessem ser direcionados a um representante de centro. É essa estratégia que levou o PT à aproximação com Geraldo Alckmin, que deixou o PSDB e abraçou essa proposta. Por enquanto, ela só serviu para fragilizar os tucanos e fortalecer Lula. A esquerda aplaudiu a manobra. "Estou nisso desde o início. Concordo muito com essa aliança, representa um maior diálogo com o centro", afirmou o deputado Marcelo Freixo (PSB-RJ).

O pleito será uma oportunidade importante para fortalecer o debate de propostas, deixando em segundo plano a as pautas ideológicas e de costumes. Mas espera-se que ocorra novamente o jogo sujo que marcou a última corrida presi-

**EMBATE** Ciro Gomes em 2018: este ano ele fará sua quarta campanha

**CANDIDATO**
O ex-juiz Sergio Moro em visita ao Congresso, em 2019

dencial. Passados quatro anos, os quase 150 milhões de eleitores deverão reviver parcialmente um ambiente ainda contaminado pela difusão de mentiras. "Serão as mais sujas e sórdidas campanhas eleitorais da história do País", prevê Doria. "Extremistas gostam disso: de intimidar, de emparedar, mentir, construir narrativas falsas." Foi graças a essa prática que Bolsonaro conseguiu triunfar em 2018. Por isso, o presidente ainda é investigado no Supremo no inquérito das fake news, sob suspeita de participar de um esquema de financiamento de robôs para divulgação de notícias falsas durante a última eleição.

Com o objetivo de evitar que isso se repita, o ministro do STF Alexandre de Moraes, responsável por vários processos contra Bolsonaro na Corte, já fez uma advertência. O próximo presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) disse que vai punir severamente políticos que dispararem fake news. "Essas milícias digitais continuam se preparando para disseminar ódio, conspiração, medo, para influenciar eleições e destruir a democracia", afirmou Moraes, que assume o comando do TSE em setembro. "Se houver repetição do que foi feito em 2018, o registro será cassado. E as pessoas que assim fizerem irão para a cadeia por atentar contra as eleições e a democracia."

O TSE tem tomado medidas a fim de endurecer as punições. Em dezembro, o tribunal aprovou uma resolução que vai penalizar quem espalhar mentiras contra candidatos com ordens de prisão. As penas podem chegar até a quatros anos de detenção. "Já sabemos como são os mecanismos, quais são as provas que devem ser obtidas e como. E não vamos admitir que essas milícias digitais tentem novamente desestabilizar o pleito a partir de financiamentos espúrios não declarados", asseverou o futuro presidente do TSE.

Segundo alguns especialistas ouvidos pela ISTOÉ, o endurecimento das regras pela Justiça Eleitoral vai nivelar as candidaturas e impedir que Bolsonaro tire proveito dos robôs que o ajudaram em 2018. "O sucesso de Bolsonaro nas últimas eleições ocorreu porque ele usou uma estratégia que ninguém tinha visto. Todo mundo tomou bola nas costas, o presidente usou brilhantemente aquele meio que não recebia atenção de ninguém. No ano que vem, esse elemento surpresa não vai existir mais para ninguém", avalia Guarnieri.

Já para outros analistas, as medidas anunciadas pelo TSE não serão suficientes para impedir a repetição do fenômeno da desinformação. "As eleições serão tensas e ainda trarão, provavelmente de forma mais intensificada, muito do último pleito: discurso de ódio, disparo em massa e fake news, que são contrários à base democrática que deve encampar qualquer processo eleitoral", pontua Juliana Freitas, professora de Direito Eleitoral do Centro Universitário do Pará (Cesupa). "Este ano vai ser selvageria. É impossível controlar esse tipo de coisa. No fim das contas, todo mundo vai continuar tendo WhatsApp. Sem falar que fake news é um conceito muito aberto. Para alguns, pode ser mentira, enquanto para outros, não", avalia um advogado que pediu anonimato pois vai atuar na campanha de um dos candidatos.

Algumas novidades podem ajudar a melhorar a qualidade do novo Congresso. A introdução das federações partidárias exige coerência programática e une os partidos por quatro anos em todos os estados, diminuindo os acordos espúrios, apesar de reeditar na prática as velhas coligações. Haverá mais diversidade no Congresso, já que negros e mulheres terão maior representação no cálculo do coeficiente eleitoral e receberão mais verbas. Essas mudanças são bem-vindas. Mas certamente não serão suficientes. Com o fundão eleitoral de R$ 4,9 bilhões, os partidos terão recursos públicos abundantes, em escala inédita. Espera-se que o próximo pleito volte a ser o da política habitual, mas que não seja também o da velha política. ■

FOTOS: REPRODUÇÃO/ANTONIO CARLOS DE ALMEIDA CASTRO; MATEUS BONOMI/AGIF VIA AFP; ADRIANO MACHADO/REUTERS/FOTOARENA

**DEDICAÇÃO E TECNOLOGIA** Após a descoberta de vacinas, vem outro objetivo: a produção de remédios

# A medicina **vai ganhar**

**Pesquisadores**, **médicos** e **laboratórios** asseguram que diversos medicamentos surgirão esse ano para prevenção e **tratamento da Covid-19**. Resta saber como e a que preço chegarão às mãos de quem deles precisar

***Fernando Lavieri***

FOTO: AP PHOTO/MICHAEL PROBST

Pergunte ao mais experiente analista esportivo qual será a seleção campeã do mundo em 2022 na Copa do Qatar. Por mais embasado que seja o prognóstico do especialista, ainda assim não deixa de ser um simples palpite. No campo da ciência as coisas se dão de forma diferente: não há especulações. Tendo como princípio metodologias de verificação e comprovação, cientistas, pesquisadores e médicos em geral começam a respirar aliviados e dizem que o novo ano se inicia alvissareiro. Ainda vemos diante de nós o poderoso inimigo tipificado como Sars-CoV-2, causador da pandemia da Covid-19. Mas, também a nossa frente, a ciência já afirma que existe a concreta possibilidade de produção de medicamentos que poderão atuar tanto na prevenção quanto no tratamento da infecção pelo coronavírus. A produção da comunidade científica vem sinalizando promissores caminhos. Nada disso, no entanto, é suficiente para alimentar a esperança de que tão cedo as máscaras não mais precisarão estar nos rostos. "Elas seguem obrigatórias", afirma o químico Luiz Carlos Dias, integrante da equipe da Unicamp que atua somente no combate à Covid-19. E por quanto tempo ainda teremos de utilizá-las? Impossível saber. Ou seja: não vai dar para aposentar a máscara amanhã ou depois de amanhã, mas isso não quer dizer que não haja remédios em um horizonte bastante visível.

A Pfizer BioNTecch, que já inovou com sua vacina de RNA mensageiro, apresentará um medicamento sob a forma de comprimidos. Ele se chamará Paxlovid e, segundo a fabricante, reduz em 89% o número de hospitalizações e óbitos. "Para a profilaxia, tudo ainda está sob investigação, mas com grandes chances de que logo a população terá como se proteger por meio de medicamentos", diz Suzana Lobo, médica intensivista do Centro Integrado de Pesquisa do Hospital de Base e da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. "Em um primeiro momento, o importante são remédios para as pessoas que tenham contato com infectados". Ela afirma que essa nova classe de fármacos, administrados por via oral, trará comodidade ao paciente. Outro exemplo nessa linha é o Molnupiravir, da farmacêutica Merck. O remédio tem produção mundial e chegará a mais de cem países em 2022.

Nesse contexto pode-se dizer que a assertividade da ciência envolve alta precisão na formulação de remédios e, para que os objetivos sejam alcançados, cientistas também estão trabalhando com os denominados anticorpos monoclonais. O produto da farmacêutica AstraZeneca, denominado Evusheld, enquadra-se nessa categoria. Ele atua pela combinação de réplicas de dois anticorpos obtidos do plasma de pacientes convalescentes da infecção, e tem de ser aplicado no músculo, como se fosse uma injeção comum. O Evusheld possui margem de eficácia de prevenção na casa dos 83% com baixo risco de efeitos colaterais. "A proteção dura por seis meses" diz Raquel Stucchi, infectologista da Unicamp e Consultora da Sociedade Brasileira de Infectologia. Haverá ainda outras combinações medicamentosas contra o vírus, como os remédios classificados de biológicos. Essas drogas reduzem a progressão do coronavírus no organismo. A batalha contra a pandemia continuará em 2022, mas com um grande diferencial em relação aos dois últimos anos: agora haverá remédio tanto para prevenir e quanto para tratar a doença. O que ainda não está claro, nem para profissionais da área da saúde nem para as empresas farmacêuticas, é como e a que preço tais medicamentos poderão ser adquiridos pela população. Espera-se, porém, que o Ministério da Saúde deixe de lado a ideologia e o negacionismo bolsonarista e cumpra a sua obrigação de cuidar dos brasileiros. ■

**PROTEÇÃO** Fármaco Paxlovid, da empresa Pfizer: redução de 89% no número de hospitalizações e mortes, segundo técnicos da farmacêutica

**CIÊNCIA** A infectologista Raquel Stucchi está confiante: haverá produtos mais simples e eficazes



FOTOS: GOLIB GOLIB TOLIBOV/ALAMY/FOTOARENA; ANNA CAROLINA NEGRI

# Tem novidade para você

www.motorshow.com.br

## Chegou a nova edição da **Motor Show**

Se você é apaixonado por carros, motos e muita velocidade, leia a **Motor Show**.
E a edição deste mês já está disponível, trazendo as últimas informações sobre o mercado automobilístico, além da avaliação mais detalhada sobre os veículos à venda no Brasil.

## Siga nas redes sociais

Siga pelas redes sociais as notícias de última hora, a atualização dos fatos e novidades quentíssimas a qualquer hora e qualquer lugar.

Já nas melhores bancas de sua cidade.

**Para anunciar** Conecte sua marca ao público mais qualificado do segmento. Entre em contato com nossa equipe e anuncie. (11) 3618-4269.

# O DRAMA DA EVASÃO ESCOLAR

**Colégios abertos, mas sem alunos. Com cerca de 240 mil estudantes fora das salas de aula a desistência é o maior desafio de 2022. Especialistas afirmam que esse é o pior cenário em 20 anos**

***Eduardo F. Filho***

**IMPASSE**
Crise econômica: seguir estudando ou entrar no mercado de trabalho



FOTOS: SHAUNL/ISTOCK PHOTO; DIVULGAÇÃO

POLÍTICA
Daniel Cara: governo freia democratização do ensino

Foram cerca de 290 dias de escolas fechadas durante o ano letivo de 2020, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). 99,3% delas, em todo o país, suspenderam as atividades presenciais devido à pandemia de Covid. Somente em novembro de 2021 os colégios estaduais e particulares foram autorizados a voltar sem distanciamento e com a presença total dos alunos nas salas de aula. Mas nem todos voltaram. Cerca de 240 mil crianças entre 6 e 14 anos permaneciam fora, no segundo trimestre de 2021, de acordo com o relatório divulgado pela organização Todos Pela Educação — o que representa um aumento de 171% em comparação ao mesmo período de 2019.

O levantamento mostra que houve uma queda acentuada no número de matrículas entre alunos da mesma faixa etária. Enquanto em 2019 estavam matriculados 99%, em 2021 esse índice caiu para 96,2%, o menor em dez anos. "Isso acontece por três motivos: o primeiro é a quebra de vínculo que o aluno tem com a educação; o segundo são as lacunas de aprendizagem que foram acentuadas com a pandemia; e o terceiro é a crise econômica. Muitos jovens necessitaram ajudar em casa como complementação de renda. Isso coloca a escola em segundo plano", afirma Olavo Nogueira Filho, diretor executivo do Todos Pela Educação.

O primeiro grande passo em 2022 será promover o retorno dos alunos. Para tanto precisa haver um projeto consistente de construção de uma educação melhor em escala nacional. "Necessitamos de mais escolas em período integral, centros educacionais que conversem com o projeto de vida dos alunos, que tenham bons cursos de artes, cultura e esporte", afirma Nogueira. Ele explica que para o projeto acontecer é preciso o apoio do governo federal, mas é enfático em dizer que não terá ajuda em 2022. "Estamos vivendo o cenário mais crítico para a educação nos últimos 20 anos e temos um governo que não enfrenta os desafios reais da situação", diz.

Outro fator que diminui a chance dos alunos retomarem o estudo é o aumento da taxa de matrícula nas particulares. Diferentemente do ano passado em que a maioria das escolas privadas seguraram os preços temendo uma fuga dos alunos, esse ano elas devem, ironicamente, compensar o atraso e acompanhar a inflação do País. Segundo levantamento realizado pela consultoria Meira Fernandes, especializada em gestão de instituições de ensino, mais de 90% das instituições particulares pretendem aumentar o valor da mensalidade de 2022, entre 7% e 12%. "A palavra certa é reposição. Durante a pandemia, as escolas fizeram investimentos altíssimos para manter o ensino híbrido. Esse crescimento da taxa não cobre todos os custos que ela teve", afirma Rogerio Caramante, gestor de Marketing da Consultoria Meira Fernandes. Ele diz que o reajuste de matrículas provavelmente não aumentará a evasão. "Os donos de colégios já perderam 15% dos estudantes durante a pandemia e não querem perder mais", afirma.

De modo geral, as perspectivas da educação não são muito satisfatórias e no ensino superior o quadro não fica atrás. Isso porque o governo travará uma última guerra no ano eleitoral para continuar sua estratégia de doutrinação e de eliminação do pensamento crítico dos estudantes brasileiros. Depois das demissões dos servidores do Inep, da renúncia de 114 pesquisadores do Capes e do esvaziamento do Enem, estreitando o corredor que leva o jovem ao ensino superior, Jair Bolsonaro usará o esgotamento do Banco Nacional de Itens (BNI) para impor sua visão da sociedade e do mundo.

Educadores e especialistas ouvidos por ISTOÉ afirmam que as manobras que o presidente fez ao longo de 2021 para desacreditar e desestabilizar o sistema educacional brasileiro irão continuar em 2022. Prova disso foi a medida assinada por Bolsonaro que libera o acesso ao Programa Universidade para Todos (Prouni) aos alunos que cursaram o ensino médio em colégios particulares (sem bolsa de estudo). Antes, apenas estudantes do ensino médio em escolas públicas ou que tinham bolsas integrais em colégios particulares podiam participar do programa. O presidente mente ao dizer que isso garante um maior leque de alunos com acesso ao ensino superior. Na realidade diminui as chances dos jovens de baixa renda. "É mais uma das medidas de Bolsonaro para frear a democratização da sociedade pela educação. Vai tornar o acesso à universidade elitizado", diz o educador Daniel Cara. ■

# Um ano de dedicação total à saúde traduzido em números.

**Mais de 1 milhão* de vidas salvas na pandemia.**

Para isso, mais de **6 mil profissionais de saúde** foram contratados e **mais de 1600 leitos** foram abertos na rede.

**Uma rede exclusiva para cuidar e atender bem nossos 7.4 milhões de clientes.**

- **48** hospitais
- **49** prontos atendimentos
- **203** clínicas
- **176** unidades de coleta laboratorial e diagnóstico por imagem
- **Mais de 38 mil** colaboradores
- **Mais de 15 mil** médicos
- **Mais de 15 mil** dentistas
- Presença nas **5 regiões brasileiras**

**Aquisição de 2 novas operadoras.**

**Hapvida chegou em Belo Horizonte** com as operadoras Premium e Promed.

**Inovação e Tecnologia para facilitar a vida dos clientes.**

- **Mais de 700 mil** atendimentos de urgência e emergência na teleconsulta
- **Mais de 300 mil** na Clinica Digital
- **24** novas especialidades na Clinica Digital

*pacientes com sintomas respiratórios de janeiro a novembro de 2021

BARBÁRIE
Sem qualquer controle, madeireiros e garimpeiros ocupam reservas ambientais e promovem uma destruição sem fim

# O governo da

## Apesar das promessas na COP 26 e das críticas internacionais, o Brasil deve continuar em 2022 no mesmo roteiro de destruição da Amazônia e de desmanche dos orgãos de fiscalização florestal

***Taísa Szabatura***

Como bem disse em alto e bom som o ex-ministro do meio ambiente Ricardo Salles, a pandemia de Covid-19 era a distração ideal para "ir passando a boiada". Em 2020, isso aconteceu e seguiu ocorrendo quando o ministro Joaquim Leite assumiu a pasta, em junho de 2021. Uma única frase de seu monstruoso e enganoso discurso na COP 26, na Escócia, em novembro, resume o que pensa o atual governo em relação à maior riqueza natural do Brasil: a floresta Amazônica. "Temos que reconhecer que, onde há muita floresta, há muita pobreza", afirmou. Sua ideia, apesar de diluída em um discurso falacioso de comprometimento com o clima, demonstra o que Bolsonaro e seus ministro vêem na maior floresta tropical do mundo. Um lugar a ser derrubado, garimpado e revertido em lucro, custe o que custar. Não há pensamento de longo prazo para eles, contrários à ciência, e o aquecimento global é "coisa de comunista". O ex-ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo, mesmo fora do governo, ainda dá entrevistas dizendo que não há provas de que o fenômeno seja causado pela presença humana.

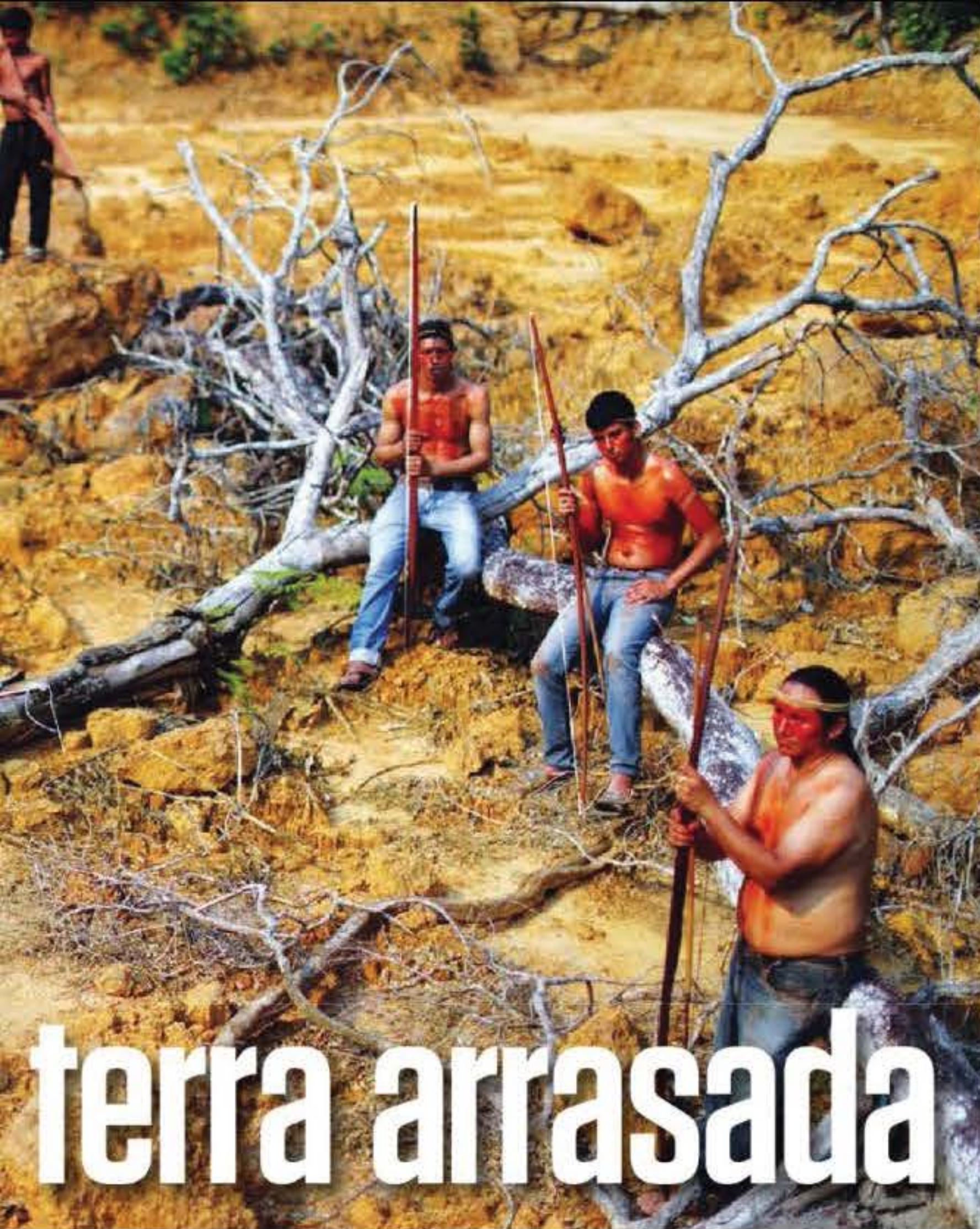
"Além do desmantelamento de órgãos de fiscalização, como o IBAMA e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio), há a falta de gestão. As pessoas que estão em cargos cruciais do governo não estão preparadas para o trabalho que fazem", explica o porta-voz do Greenpeace Brasil, responsável pela gestão na Amazônia, André Freitas. A organização não governamental foi, aliás, quem capturou as imagens das centenas de balsas usadas para a extração ilegal de ouro no Rio Madeira. As imagens correram o mundo, isso apenas um mês após a reunião climática em que o Brasil se comprometeu com metas audaciosas, como encerrar totalmente o desmatamento ilegal até 2028. Se todas as imagens de destruição dos últimos três anos não são suficientes para convencer que 2022 será mais um ano perdido, os dados não dão margem para dúvidas: o governo Bolsonaro bate recorde atrás de recorde quando o assunto é destruição ambiental.

A Amazônia Legal perdeu 10.222 km² de floresta entre janeiro e novembro de 2021, o equivalente a sete vezes o tamanho da cidade de São Paulo. Esse é o maior dano acumulado dos últimos 10 anos para o período, segundo informações do Sistema de Alerta de Desmatamento, do Imazon, publicado em dezembro. Os dados



FOTOS: UESLEI MARCELINO/REUTERS/FOTOARENA; ALBERTO PEZZALI/AP PHOTO

# terra arrasada

**"Enquanto Bolsonaro estiver no poder é impossível ter uma perspectiva positiva. Acredito que levará anos para a regulamentação voltar ao que era antes"**
**André Freitas**, porta-voz do Greenpeace

**DISPARATE** Para o ministro do Meio Ambiente, floresta é sinônimo de pobreza

do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) divulgados, propositalmente com atraso pelo governo em novembro, também são alarmantes. O relatório com os números do Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (Prodes) mostra uma devastação de 13.235 km² entre agosto de 2020 e julho de 2021, índice mais elevado desde 2006. A impunidade por esses crimes também chama a atenção: os valores arrecadados em multas ambientais nunca foi tão baixo. Já nos dois primeiros anos da gestão Bolsonaro, a arrecadação caiu 93%, principalmente por causa das "novas etapas" e "burocracias" estabelecidas por um Ibama desmantelado - por que deixar de lucrar ilegalmente, se não perdem nada com isso?

"Enquanto Bolsonaro estiver no poder é impossível ter uma perspectiva positiva. Acredito que levará anos para a regulamentação voltar a ser, pelo menos, o que era antes", diz Freitas. Para ele, é possível alcançar desenvolvimento sustentável na região sem destruir a floresta e os povos indígenas. "Enquanto a Amazônia for vista como algo distante não haverá mobilização", explica. E, se a mobilização não vier de dentro, virá de fora, como já vem acontecendo. Os crimes ambientais destróem a reputação do Brasil e prejudicam a economia brasileira. "Com desmatamento não há chuvas e, sem água, a indústria para", diz. Isso sem falar do movimento que acontece na Europa: França e Alemanha estão de olho no Brasil e companhias privadas começam a se mobilizar.

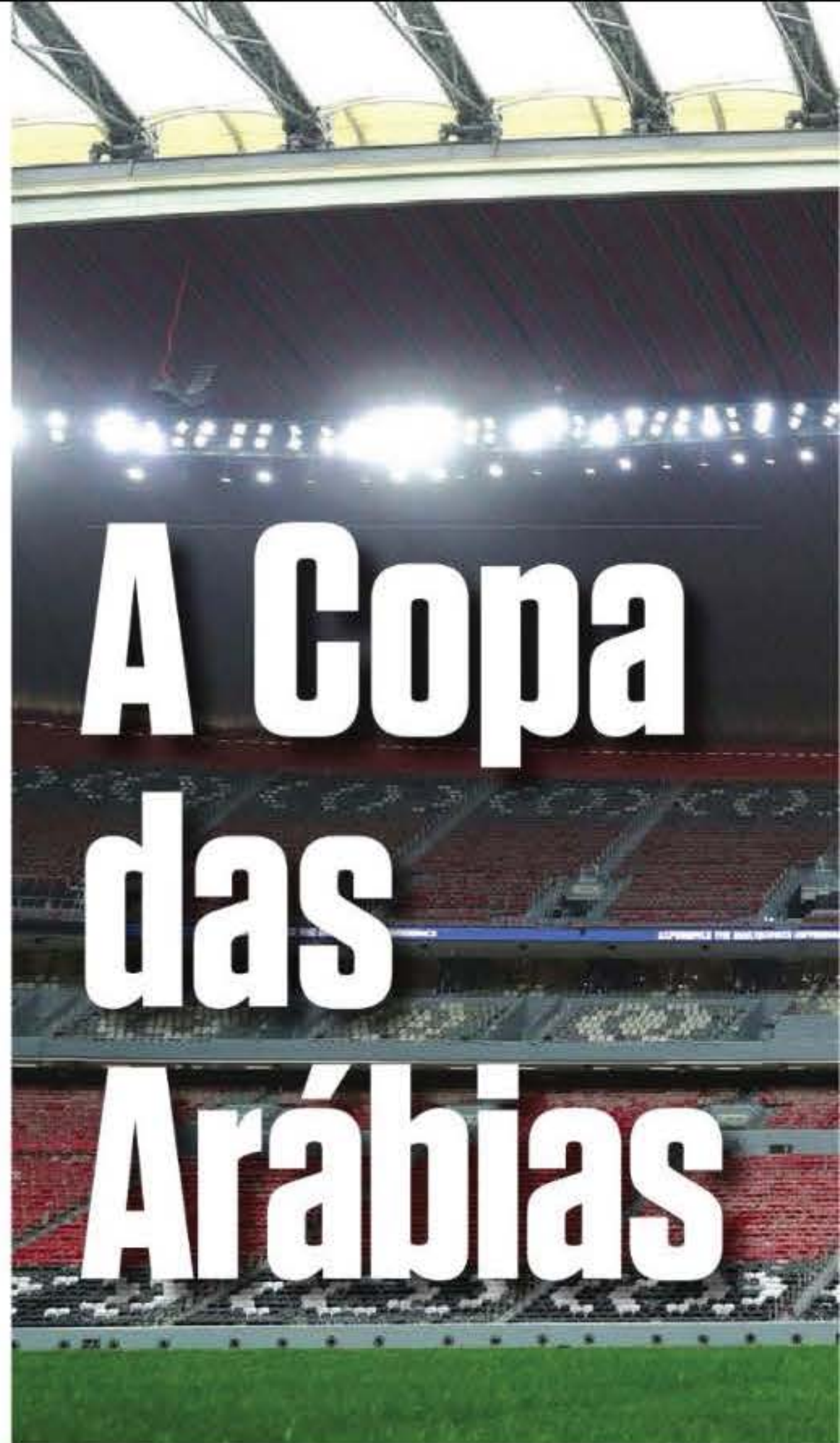
Em dezembro, seis redes europeias de supermercados, de quatro países, anunciaram que não negociariam mais parte ou todos os derivados de carne bovina vindos do Brasil por causa do desmatamento na Amazônia. A rede holandesa de supermercados Lidl Netherlands avisou que, a partir de 2022, vai parar de vender carne bovina vinda da América do Sul. O agro está deixando de ser pop: até a China passou um período sem comprar carnes brasileiras. Com a destruição acelerada das florestas, esse tipo de boicote comercial deve se tornar rotineiro. A política ambiental canhestra do governo Bolsonaro, além da destruição imediata da natureza, tende a acentuar problemas econômicos e transformar o Brasil, definitivamente, em um pária internacional. ■

# A Copa das Arábias

Inovações tecnológicas concentradas em um país menor que o estado de Sergipe prometem uma experiência de imersão em dados e interconexão jamais vista – tudo isso ao alcance das mãos dos torcedores no Catar

***Denise Mirás***

Enquanto a Fifa não consegue emplacar sua proposta de Mundiais a cada dois anos, um "ano de Copa" continua sendo especial e aguardado com grande expectativa por fãs de futebol de todo o planeta. Em 2022, os torcedores poderão mergulhar nas muitas novidades apresentadas pelo Catar, entre elas a tecnologia 5G implantada no país. A 22ª. edição do torneio também ficará marcada por situações inéditas, como a época dos jogos (novembro/dezembro) e os deslocamentos curtos pelo território de 11,5 mil km², que corresponde à metade de Sergipe, o menor estado brasileiro. Com isso, haverá até a possibilidade de se assistir a duas partidas por dia.

Será a primeira Copa do Mundo em que os torcedores terão interatividade total, garantida pelo 5G e pela rede de fibra ótica já instalada no país. Com grande velocidade e capacidade no processamento de informações, o Catar oferecerá o "mais inteligente sistema do mundo, para a melhor experiência possível". Começa pelos estádios com climatização individualizada — o ar condicionado, em torno de 25 graus, foi pensado até para refrescar espaços por baixo dos assentos. Haverá também plataformas de inclusão incríveis, como acesso a informações e entretenimento em Braille ou salas de visualização para jovens autistas. Sensores estarão espalhados por todo o território, com plataformas de acesso a navegações por espaços internos e externos, de hotéis a restaurantes, de shoppings a hospitais, em tempo real. Até uma camisa com sensores no tecido está sendo desenvolvida, para coleta de batimentos cardíacos, respiração e hidratação, dados que serão usados para prevenir emergências médicas.

**BRASIL** A seleção de Tite chega com chances discretas, mas pode supreender

A Copa de 2022, ligeiramente mais curta, foi pensada para arrecadar mais. Um equipamento apontará impedimentos instantaneamente, para o jogo andar mais rápido. E haverá mais partidas por dia (na primeira fase, no Brasil, serão às 7h, 10h, 13h e 16h — com a final ao meio-dia), porque a distância máxima de 50 quilômetros permitirá deslocamentos com maior agilidade. Um entrave que esquenta a cabeça dos sheiks e dos organizadores mais que o tórrido sol do deserto: a proibição de bebidas álcoólicas. O que fazer com as hordas de beberrões que costumam invadir as sedes das Copas? O evento, que teria rendido à Fifa perto de 880 milhões de euros em propina (R$ 5,6 bilhões), segundo o jornal britânico The Sunday Times, levantou preocupações com relação ao clima desértico. Os aterrorizantes 50 graus que a temperatura pode alcançar em julho, com sensação térmica de 60,

**INOVAÇÃO**
Vista do estádio Al Bayt: poltronas com sistema de climatização individualizado

empurraram o jogo de estréia para 21 de novembro. Mas isso não é nada que US$ 4 bilhões (R$ 22,7 bilhões) prometidos pelos organizadores para gastar em nove estádios, mais US$ 50 bilhões (R$ 284 bilhões) em infra-estrutura, não resolvam.

E a seleção brasileira de Tite? Bem, há quem diga que o time não tem grandes chances. Já os otimistas destacam a classificação antecipada em seis jogos, nas Eliminatórias. De fato, depois que a Europa implantou a Copa das Nações, em 2018, suas seleções perderam o interesse em atravessar o Atlântico para vir à América do Sul. O Brasil, por seu lado, sente falta desse intercâmbio – ainda mais com a decisão sobre amistosos, contra seleções nada tradicionais, "terceirizada" pela CBF. O último jogo da seleção brasileira contra europeus remonta a 2019, contra a República Tcheca. Assim, fica para trás em esquemas táticos e pode tomar vareio da Bélgica, por exemplo, com aconteceu em 2018. Embora chegue sem favoritismo – talvez, até por isso –, a seleção de Tite pode surpreender. ■

**LUXO**
Quarto VIP instalado dentro do estádio Al Bayt, a 50 Km de Doha

**Haverá sensores por todo o território do Catar, com plataformas de acesso à internet em espaços internos e externos de hotéis e restaurantes**

FOTOS: FRANCOIS NEL/GETTY IMAGES EUROPE/GETTY IMAGES VIA AFP; BRUNA PRADO/GETTY IMAGES; HASSAN AMMAR/AP PHOTO

Quando, há cem anos, em 1922, no centenário da Independência, o engenheiro e historiador Affonso de Taunay estabeleceu as bases conceituais do Museu do Ipiranga e constituiu sua coleção, a ideia central era colocar os bandeirantes e o poderio dos paulistas de antanho no alto do pedestal. Uma visão do passado que revalidava os grandes feitos dos homens brancos se impôs na implantação do espaço de exposições, seguindo o pensamento do seu diretor e as imposições simbólicas associadas à República. Agora, no bicentenário, a história é outra. Reformado, ampliado e modernizado, o museu, que fechou em 2013, por causa do risco de desabamento, e será reinaugurado no próximo dia Sete de Setembro, vai se desenvolver de forma diferente, buscando outros atores esquecidos no processo de Independência e refletindo a diversidade de forças na sociedade e sua composição racial. Personagens secundários na história oficial ganharão protagonismo. Se a visão que definiu o centenário foi a de Taunay, a do bicentenário está mais alinhada com a de um de seus sucessores, o historiador Ulpiano de Menezes, que comandou a instituição entre 1989 e 1994 e estabeleceu um ambiente de reflexão crítica sobre os acontecimentos. "Tradicionalmente, o museu está associado à memória das elites cafeicultoras e dos Bandeirantes", diz o historiador Paulo Garcez, professor da USP e um dos curadores do museu. "Mas em 100 anos aprendemos muito. Vamos fazer uma revisão importante dessa representação do passado brasileiro."

**SÍMBOLO** O quadro "Independência ou Morte", de Pedro Américo, foi

# A Independ

## ACESSIBILIDADE E SEGURANÇA

Para abrigar novas ideias relacionadas ao processo de independência do País e inserir o museu numa lógica contemporânea, está sendo feito um investimento total de R$ 210 milhões na sua revitalização. A reforma do monumento, 78% concluída, é impressionante pela grandiosidade e nível de detalhamento. Além de dobrar de tamanho, já que abaixo do prédio histórico, no nível no Jardim Francês, foi construído um anexo de 6 845 metros quadrados, a obra incorporará vários equipamentos indispensáveis. Haverá um espaço climatizado para receber exposições temporárias, algo impossível na antiga construção, por causa da falta de ar condicionado, além de café, auditório com capacidade para 200 pessoas, bilheterias e loja. O que se vê neste momento é um trabalho impecável e acelerado de recuperação de pisos, elementos de marcenaria, como portas, janelas e batentes e de espaços de exposições, que mobiliza cerca de 450 profissionais. "Toda a obra é muito delicada e envolve a recuperação de 220 portas e 1,9 mil metros quadrados de assoalhos", diz o engenheiro Frederico Martinelli, que comanda o projeto. A construção ganhará um mirante panorâmico com vista de 360 graus. Também serão resolvidos problemas de acessibilidade e de segurança. Os incêndios do Museu Nacional, no Rio, e do Museu da Língua Portuguesa, sensibilizaram patrocinadores e autoridades para tornar o museu seguro. Não por acaso, sua atual diretora, a arquiteta Rosaria Ono, que ficará no cargo até o ano que vem, é especialista em previsão de riscos.

Concluído em 1890, o prédio histórico, projetado pelo engenheiro e arquiteto Tommaso Bezzi, foi erguido para marcar o lugar da Independência e referendar a importância simbólica do grito de Dom Pedro I às margens do Riacho do Ipiranga. Numa primeira fase, abrigou o Museu de Ciências Naturais, depois, com a chegada de Taunay, em 1917, foi convertido em museu histórico. Desde 1963, o Ipiranga, cujo nome oficial é Museu Paulista, está sob o controle da Universidade de São Paulo. Seu acervo conta com 450 mil itens, entre objetos, obras de arte, mobiliário e documentação textual. Até 2010, era o espaço museológico mais visitado da cidade, graças principalmente às excursões de estudantes, e ao forte vínculo afetivo que tem com a população. A expectativa é que recupere essa condição a partir do ano que vem. A entrada de estudantes será gratuita e o preço estimado do ingresso será de R$ 15 a R$ 20. Com tantas novas atrações, o que se espera é que quando estiver funcionando a plena carga, o museu receba cerca de um milhão de visitantes ao ano.

"O processo colonial foi muito violento e as representações atuais oferecem uma visão pacificadora do passado", diz Garcez.



FOTOS: JOSÉ ROSAEL/DIVULGAÇÃO/MUSEU PAULISTA; MARCO ANKOSQUI

totalmente restaurado; e a fachada recuperou a cor amarela original (à dir.)

**O investimento total na restauração e ampliação do museu será de R$ 210 milhões e sua inauguração fará parte das comemorações de Sete de Setembro**

# ência **ressignificada**

Para marcar o bicentenário, mais do que uma renovação física, o Museu do Ipiranga passará por uma reforma conceitual, que incorporará novas visões históricas, buscando atores esquecidos no processo de libertação da metrópole portuguesa e refletindo a diversidade das forças sociais

***Vicente Vilardaga***

"Iremos superar o legado de Taunay, que era muito excludente e enaltecia a figura dos exploradores". Taunay esteve à frente da instituição até 1945. Foi sucedido pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda. Ulpiano assumiu posteriormente e reorientou as perspectivas narrativas do museu a partir de três pilares: a história do imaginário, o universo do trabalho e cotidiano e sociedade. Na inauguração, prevista para a efeméride da Independência, serão abertas 11 exposições permanentes e uma temporária chamada Memórias da Independência, com duração de quatro meses, que, além da epopeia paulista, incorporará movimentos libertadores de outros estados, visando mostrar a amplitude do processo histórico. Mas apesar da revisão conceitual, ninguém precisa se preocupar. Um dos maiores destaques do museu, o gigantesco quadro de Pedro Américo, "Independência ou Morte", que foi totalmente restaurado, continuará brilhando no mesmo Salão Nobre de sempre para deleite dos visitantes. ■

**GIGANTISMO** Obra envolve a restauração de 220 portas e de 1,9 mil m² de assoalhos

UNIVERSO
SPANTA
JANEIRO | MARINA DA GLÓRIA
VENDAS ABERTAS!
universospanta.com.br

**Ivete Sangalo** Roupa Nova
Gilsons **Duda Beat** Pocah
**IZA** L7nnon **Pabllo Vittar**
**BK'** Dilsinho **Pedro Sampaio**
Ludmilla **Maiara e Maraisa**
**Gloria Groove** Menos é Mais
Salgueiro **Jorge e Mateus**
**Planet Hemp** Alcione **Matuê**
Gal Costa **Paulinho da Viola**
**BaianaSystem** Mangueira
Zé Neto e Cristiano **Alok**
**Zeca Pagodinho** Mumuzinho
Claudia Leitte **Ferrugem** Céu
**Os Paralamas do Sucesso**
Djonga **Ney Matogrosso**
**São Clemente** Fogo e Paixão
Beija-Flor **Céu na Terra** e muito mais!

**#OVerãoDeNossasVidas**

# UM PERÍODO DESAFIADOR

Motor da retomada, o **agronegócio vai crescer menos** este ano. Apesar de o mundo inteiro estar em crise por causa da pandemia, o Brasil tem **problemas específicos e crônicos** que são anteriores à Covid e vão **agravar a conjuntura**. Em 2022, o cenário é de inflação alta, desemprego, recessão e **muitas incertezas** geradas por um **ano eleitoral**, que deve **trazer turbulências**

*Valéria França*

FOTO: RATPACK223/ISTOCK PHOTO

**INFLAÇÃO** Alta nos preços dos alimentos foi um dos reflexos da elevação das commodities no mercado internacional

O ano será difícil para os brasileiros — mais do que foi 2021. Os economistas preferem a palavra "desafiador", mas essa é apenas uma questão semântica. Fato é que o ano começa com uma bagagem de 13,5 milhões de desempregados, inflação de dois dígitos e moeda desvalorizada. Os problemas são conhecidos, mas ficarão mais expostos do que antes, porque a sociedade não contará com a mesma quantidade de incentivos emergenciais, fiscais e monetários, que fizeram a economia rodar em 2021. Além disso, o Orçamento aprovado pelo Congresso prevê para 2022 o menor nível de investimentos públicos federais da história. Educação, Saúde, Defesa, Infraestrutura e demais áreas de atuação contarão com R$ 44 bilhões. Em 2012, esse valor era R$ 200 bilhões, quase cinco vezes maior. Some tudo isso a um período que prevê turbulências políticas, que serão desencadeadas pelo ano eleitoral.

"O brasileiro começa o ano com contas mais altas e com uma previsão de que a inflação não vai parar de subir antes de atingir 12,5%", diz Fábio Astrauskas, da Siegen, consultoria de gestão estratégica e recuperação de empresas no Brasil. O ano passado acabou com o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrando uma variação de 0,82%, elevando a inflação acumulada para 10,47%. "A dificuldade em diminuir a inflação será grande", diz Astrauskas. O índice disparou no ano passado por duas razões. Uma delas, já citada acima, foi o dinheiro injetado emergencialmente pelo Estado devido à pandemia.

Mas há uma segunda razão: o desajuste da cadeia de suprimentos internacionais, que fez com que os preços disparassem. "Em 2021, faltaram caminhões, containeres e navios para transportar uma quantidade de mercadorias que as empresas não esperavam", diz Astrauskas. Até a indústria automobilística ficou sem carro para entregar ao consumidor, porque países como China e Taiwan não tinham chips para enviar. A escassez de matérias-primas e problemas das empresas de logística global continuaram a provocar entraves na produção. Depois de um ano e meio equilibrando-se em pequenas elevações, pela primeira vez o índice de Gerente de Compras (PMI, sigla em

**"O brasileiro começa o ano com contas mais altas e uma previsão de que a inflação não vai parar de subir antes de atingir 12,5%"**
**Fábio Astrauskas**, consultor

inglês) diminuiu para 48,9 em novembro – sendo que abaixo de 50 é considerado retração e acima, expansão.

A alta das commodities – caso do combustível e da carne – impactou e vai continuar abalando diretamente o custo de vida. Apesar de o panorama atingir todas as economias do globo, o Brasil foi campeão na desvalorização da moeda. Segundo Astrauskas, de janeiro a junho do ano passado o real se desvalorizou acompanhando o ritmo internacional. Mas, no segundo semestre, enquanto as demais moedas começaram a se recuperar, a divisa brasileira continuou caindo. O especialista é autor de uma pesquisa que analisou o câmbio internacional ao longo de 2021. Isso deve abalar

**DESEMPREGO** São 13,5 milhões de brasileiros em busca de uma vaga

a recuperação das empresas aéreas e o turismo, dois setores fortemente abalados durante a pandemia.

O cenário internacional ainda será um problema para o Brasil. Aqui o destaque é a mudança na política monetária americana. "Imaginava-se que a taxa de juros subisse apenas em 2023, mas vai subir em 2022. Algumas instituições projetam duas elevações este ano", diz Maílson da Nóbrega, sócio da Tendências e Consultoria. Isso provocará fuga de investimento para os EUA. Em outras palavras, as oportunidades de negócios diminuem para o Brasil. "O governo não tem instrumento para reverter essa tendência. Tem apenas o gogó do ministro da economia, mas Paulo Guedes vive no mundo paralelo. Ele ainda diz que vai privatizar em larga escala, mas ninguém acredita nisso", diz Maílson. Mesmo as mudanças nas regras do câmbio anunciadas em dezembro serão insuficientes para aumentar a atratividade do mercado nacional. "A implantação é positiva, mas requer um certo tempo", diz Clemens Nunes, professor de Economia da Fundação Getulio Vargas. As alterações produzirão resultados apenas em 2023.

Um dos poucos setores a trazer boas notícias para a economia, o agronegócio deve crescer menos em 2022. É o que espera a Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), que projeta um crescimento de 3% a 5% em relação a 2021, ano que o setor fechou com expansão de 9,4%. A entidade atribuiu a desaceleração no crescimento à alta nos custos de produção. A variação das despesas para o plantio do milho foi de 65,3%, do café, 63,7%, da soja, 63,9% e dos insumos agrícolas (herbicidas), 372%, em 12 me-

**COMBUSTÍVEL** Preços devem continuar subindo

ses. Isso sem contar o impacto das questões naturais, como a seca do ano passado.

A economia global foi afetada pela pandemia, mas os problemas do Brasil começaram antes. Desde 1987, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 1,4 ponto percentual abaixo da média global. O País cresceu em média 2% ao ano, enquanto o mundo, 3,4%, de acordo com a FGV. Houve exceções pontuais nos governos de Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso e Lula. Projeções do FMI e pesquisa Focus do Banco Central mostram um cenário preocupante, em que o Brasil deve completar 16 anos com crescimento abaixo da média. De acordo com os analistas de mercado, 2022 será uma ponte para 2023, quando então o Brasil começa a apresentar resultados positivos – dependendo do resultado das urnas, evidentemente. ■

FOTOS: MARLENE BERGAMO/FOLHAPRESS; AMANDA PEROBELLI/REUTERS/FOTOARENA; PILAR OLIVARES/ REUTERS/FOTOARENA

# RIVALIDADE

**Disputa entre EUA e China definirá as tensões internacionais países deverá se voltar, prioritariamente, para problemas**

O cenário mundial em 2022 vai depender, para o bem ou para mal, do destino do governo Joe Biden. O americano luta para conter a pandemia, retomar os empregos e viabilizar pacotes trilionários de infraestrutura e proteção social, além de conter a volta do populismo trumpista nas eleições de meio de mandato. Se conseguir avançar nesses desafios, ajudará a economia mundial a seguir em frente e poderá assegurar mais democracia e paz ao planeta.

Na frente externa, seu maior desafio será equacionar a rivalidade com a China de Xi Jinping, que conseguiu até o momento manter sua expectativa de crescimento robusto, apesar da pandemia. A China tem sido bem-sucedida em se aproximar da União Europeia, com Alemanha e França à frente, para se contrapor à hegemonia americana. Biden tentou, sem sucesso, usar o tema dos direitos humanos e da democracia para acuar o governo chinês, assim como cometeu um deslize grande ao irritar os franceses por meio de um novo acordo militar com a Austrália (os franceses perderam um contrato bilionário para fornecer submarinos nucleares). Biden ainda não conseguiu atrair os aliados tradicionais que haviam sido maltratados por Trump. E pode nem conseguir isso este ano.

Victor Lage, coordenador de pós-graduação em Relações Internacionais da UFBA, destaca a importância da tecnologia na balança de poder. Os EUA estão de olho na China, entre outras razões, pela dimensão dos investimentos do gigante asiático nessa área, principalmente na implantação intensiva do 5G em várias esferas — como vigilância e comunicação. Os chineses estão ganhando essa guerra estratégica. A China tem conseguido, ainda, atrair nações antes isoladas para aumentar sua área de influência. Com grande fôlego econômico, tem facilitada sua entrada em países totalitários da África e do Oriente Médio. "A China se preocupa em montar um cinturão internacional", reforça Luciana Mello, com 17 anos de atuação em comércio exterior e especialização em História das Relações Internacionais pela UERJ. A relação do país asiático com diferentes nações africanas se fortalece, o que será um as-



FOTO: CHARLES DHARAPAK/AP PHOTO

**CONTRAPONTO**
Xi Jinping e Joe Biden: briga pelos corações e mentes do mundo

# EM ALTA

em 2022. Especialistas apontam que grande parte dos domésticos, agravados pela pandemia

***Denise Mirás***

pecto definidor para a política internacional dos próximos anos. "Muito se tem debatido sobre o modelo chinês, com controle do Estado", destaca Lage. Xi Jinping ampliou seu poder e investiu contra os bilionários e as gigantes tecnológicas em seu país, o que afetou as perspectivas de investimentos e acendeu o alerta para a insolvência de corporações como a Evergrande. O fantasma de uma crise financeira no "motor chinês" assombra os mercados mundiais. Para Biden, também se desenha um cabo-de-guerra explosivo entre EUA e Rússia, com a movimentação de milhares de soldados russos na região da fronteira com a Ucrânia. Esse é o maior risco de conflito real em 2022. Os EUA de Joe Biden, ao lado dos tradicionais aliados da Europa Ocidental, prometem severas sanções a Vladimir Putin no caso de uma invasão. O presidente russo tenta evitar que o país vizinho, ex-satélite soviético, ingresse na OTAN. O investimento bélico e a ameaça de interferência digital nos EUA, com a ação de hackers russos, permanecem pontos críticos entre os dois países.

Outro aspecto relevante em 2022 serão as eleições francesas, que mexem com temas sensíveis e têm implicações geopolíticas: a aliança com a Alemanha, o futuro da União Europeia, a ascensão da extrema direita e a crise migratória. Com problemas econômicos agravados pela pandemia em casa, países que recebem essas ondas precisarão demonstrar capacidade de combinar o bem-estar social com a austeridade pela qual o mundo terá de passar. São aspectos importantes na correlação de forças para este ano.

Para Luciana, as relações mundiais estarão mais multifacetadas, sem alinhamentos automáticos a determinada nação ou bloco. Países secundários ganharam mais poder de barganha. Isso muda a dinâmica do comércio mundial. Ainda sob a sombra da pandemia, a tendência é de as nações se voltarem para dentro, "curando as próprias feridas", resolvendo crises econômicas pioradas pela Covid. Para a professora, será um ano de recuperação de economias locais — incluindo os EUA. "Como o interno depende do externo, espera-se uma série de negociações em cenário muito mais diversificado." ■

**O ROCK NÃO MORREU**
Banda Kiss: agenda de apresentações segue mantida no País

# O retorno do público

O **avanço da vacinação** e a menor virulência da Ômicron dão **esperança** a um setor que perdeu 450 mil empregos e deixou de faturar R$ 140 bilhões em 2021. **O sonho é retomar** a relevância com grandes **shows e espetáculos**

***Felipe Machado***

O arrefecimento relativo da pandemia do coronavírus, no final de 2020, levou o setor cultural a esboçar uma reação: produções foram reagendadas e um certo tom de otimismo surgiu no ar. Era, no entanto, uma sensação falsa: as novas ondas e variantes obrigaram artistas e profissionais a ficar outro ano em casa, amplificando uma crise que já era (e continua) dramática. Por esperança - ou uma compreensível falta de opção - o setor respirou no final de 2021. Com o avanço da vacinação e protocolos mais eficazes de segurança, gerados pela experiência, os profissionais voltaram a acreditar que 2022 pode, enfim, ser o ano do retorno aos palcos. Dependerá de uma série de fatores - da virulência da Ômicron ao projeto de vacinação infantil, finalmente anunciado pelo caótico Ministério da Saúde.

Realismo ou desespero, a verdade é que os grandes produtores culturais anunciaram as datas de festivais para o público, o que, até pouco tempo, eram concebíveis apenas na ficção. É o caso do Rock in Rio, maior evento musical do planeta, que acontecerá entre 2 e 11 de setembro

e reunirá os maiores artistas da atualidade, entre eles Iron Maiden, Guns 'N' Roses, Coldplay, Post Malone, Justin Bieber e Green Day, além dos brasileiros Capital Inicial, Alok e Ivete Sangalo. O site do festival informa que muitos dias já estão com ingressos esgotados, o que significa que receberão cerca de cem mil pessoas. Somem-se a elas as 20 mil dos postos de trabalho temporário. Outra grande atração que anunciou novas datas após o adiamento da turnê em 2020, foi o grupo Kiss. De 26 de abril a 1 de maio, os mascarados se apresentarão em Porto Alegre, Curitiba, São Paulo e na cidade paulista de Ribeirão Preto. A produtora, Mercury Concerts, divulgou depoimento em que o vocalista e baixista Gene Simmons critica o governo federal brasileiro e faz um apelo ao público: "por favor, vacinem-se e não escutem políticos idiotas. Escutem a ciência e não deixem de se imunizar com as duas doses. Muita gente pode morrer porque alguns políticos dizem que a vacina é de mentira", declarou Simmons.

**ROCK IN RIO** Iron Maiden: banda inglesa é o destaque da noite de abertura do festival, em 2/9

**"Por favor, vacinem-se e não escutem políticos idiotas. Muita gente pode morrer porque um deles diz que a vacina é de mentira"**
**Gene Simmons**, vocalista do Kiss

A sua fala critica o comportamento do presidente Jair Bolsonaro e do secretário de Cultura, Mário Frias, que tentam fazer de tudo para boicotar as vacinas e até entraram na Justiça contra o passaporte vacinal em produções que recebam incentivos federais, como a Lei Rouanet. Na cidade de São Paulo, ainda vale o bom senso – e a exigência de que em shows com público acima de 500 pessoas só entrem no local as que comprovarem vacinação.

A retomada não é apenas uma questão de amor à arte, mas, principalmente, de sobrevivência. O setor "que foi o primeiro a parar e o último a voltar" acumula prejuízos sucessivos. Segundo a Abrape (Associação Brasileira dos Promotores de Eventos), mais de 530 mil produções – entre peças de teatro, congressos, shows, rodeios – foram canceladas ou adiadas em 2021. A entidade afirma que isso fez com que a área deixasse de faturar R$ 140 bilhões só no ano passado. O drama não é apenas financeiro, mas social: cerca de 450 mil trabalhadores foram demitidos no período. A luz no fim do túnel surge quando olhamos para o cinema e teatro: "Homem-Aranha: Sem Volta para Casa" foi a maior abertura da história do cinema no País, com cinco milhões de espectadores e bilheteria de R$ 105 milhões até dezembro de 2021. Mesmo abrindo em formato de curta-temporada, os fãs de musicais comemoram a chegada do espetáculo "Chicago", estrelado por Emanuelle Araújo, Paulo Szot e Carol Costa. A estreia está marcada para 20 de janeiro, no Teatro Santander, em São Paulo.

Apesar da vontade de voltar ao normal, muitos produtores já começam a enfrentar a realidade de que a situação ainda está longe de ficar sob controle, principalmente em grandes eventos populares, como o Carnaval, cancelado na maioria das capitais. O idealizador do Rock in Rio, Roberto Medina, não esconde, porém, a esperança de que o seu festival simbolize a volta da sonhada normalidade: "Percebi que as armas que tenho para tornar o mundo melhor são a música e o festival. É o que eu sei fazer bem". ■

**MUSICAL** Da Broadway para São Paulo: "Chicago" chega pela primeira vez ao Brasil

FOTOS: DIVULGAÇÃO

**CASO DE AMOR** Gabriel Leone e Alice Braga: opostos se atraem

**FILME**

# Legião Urbana no cinema. De novo

## Depois de *Faroeste Caboclo*, é a vez de outra canção de Renato Russo, *Eduardo e Mônica*, ganhar adaptação para as telas

Há milhares de filmes cujas tramas são inspiradas por livros. Encontrar uma produção baseada na letra de uma canção já é um pouco mais difícil — a não ser que o compositor seja Renato Russo, ex-líder da Legião Urbana. Depois de *Faroeste Caboclo*, outro grande sucesso do cantor ganha adaptação para as telas: *Eduardo e Mônica*. A história de um adolescente de Brasília que se envolve com uma mulher mais velha virou filme nas mãos do diretor René Sampaio. O longa estrelado por Gabriel Leone e Alice Braga tem participado de competições no exterior e venceu o prêmio de Melhor Filme no festival de Edmonton, no Canadá. Com roteiro assinado por Matheus Souza em parceria com Claudia Souto, Michele Frantz e Jéssica Candal, o filme se passa em 1986, ano de lançamento de *Dois*, álbum mais vendido da Legião. Quem conhece bem a letra da canção de amor vai se divertir procurando as referências nos diálogos e situações mostradas no filme. O maior desafio do roteiro, no entanto, era transformar uma música de cinco minutos em um enredo de duas horas. Em alguns momentos, as cenas parecem um pouco alongadas para "caber" no formato do longa. Nos momentos bem resolvidos, o filme transforma em imagens episódios que os saudosos dos anos 1980 guardavam apenas em palavras — o resultado é um gostoso sorriso de nostalgia.

### INSPIRAÇÃO NAS MÚSICAS DOS ANOS 80

**O diretor René Sampaio *(foto)* e a produtora Bianca De Felippes, de *Eduardo e Mônica*, já trabalharam juntos em *Faroeste Caboclo*, em 2013. A ideia de fazer filmes a partir de canções era moda nos anos 1980. Na época, *Menino do Rio*, de Caetano Veloso, e *Garota Dourada*, do Rádio Táxi, também foram parar no cinema. A tendência veio do exterior: *Uma Linda Mulher*, de Gary Marshall, teve como inspiração uma canção de Roy Orbison; *Veludo Azul*, de David Lynch, foi baseado em uma letra do roqueiro americano Booby Vinton.**

### PARA LER

Matthew Weiner ficou conhecido como roteirista de *Os Sopranos*, mas depois ganhou sua própria série: a premiada *Mad Men*. Sua estreia como romancista, ***Acima de Tudo, Heather***, de 2017, chega finalmente ao Brasil.

### PARA VER

Jeff Bezos é mesmo o rei do marketing: para divulgar a sua empresa, a Blue Origin, ele levou ao espaço o ator **William Shatner**, o capitão Kirk de *Jornada nas Estrelas*. O documentário sobre a viagem estreia agora na Amazon Prime.

### PARA OUVIR

A cantora e compositora **Alicia Keys** lançou três projetos em 2021: o mais recente, o excelente *Keys*, é dividido em duas partes: versões apenas com piano e voz, e outras, mais pop, em parceria com o rapper Mike WiLL Made-It. *Best Of Me* é o primeiro single.



FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO

**por Felipe Machado**

STREAMING

## Tom Hanks e o fim do mundo

A civilização acabou, mas o engenheiro de robótica ***Finch*** (Tom Hanks) sobreviveu. Sua missão agora é construir um robô para tomar conta de seu cachorro, Goodyear. Juntos, o trio viaja para São Francisco em uma aventura emocionante e reflexiva. "Não é humano estar sozinho. É na companhia que encontramos parceria e amor", afirmou Hanks, sobre o enredo da produção. Disponível na AppleTV+, o filme tem direção de Miguel Sapochnik, cineasta indicado ao Emmy pela série *Game of Thrones*.

BIOGRAFIA

## As revelações de Will Smith

O ator Will Smith cresceu em uma bela casa na Filadélfia, nos EUA, mas suas lembranças da infância não são boas. Na autobiografia *Will*, o astro de Hollywood lembra do ódio que sentia quando era criança pelo pai, Willard Smith, pelos atos de violência contra a mãe. "Eu a vi cair e cuspir sangue. Aquele momento, mais que qualquer outro na minha vida, definiu quem sou", confessa. A obra traz também revelações sobre sua vida amorosa antes do casamento com a atriz Jada Pinkett: "eu era um predador. Criei aversão por sexo."

EXPOSIÇÃO

## Arte milenar dos vidros japoneses

A **Japan House**, em São Paulo, inaugura a mostra *Sopros — Designs de Vidro Japonês*, com cerca de 300 objetos criados segundo a "Edo Glass", tipo de produção tradicional originária de Tóquio. Essa técnica artesanal foi desenvolvida no período "Edo", entre os séculos 17 e 19, e reúne as fábricas Iwasawa, Tajima, Sugahara, Toyo-Sasaki e Nakakin. As obras são consideradas patrimônio cultural do Japão e a curadoria é de Natasha Barzaghi Geenen, diretora do instituto. Até 6 de março.

DOCUMENTÁRIO

## Gianecchini e Zé Celso em *Fédro*

No longa de estreia do diretor Marcelo Sebá, o ator Reynaldo Gianecchini volta ao Teatro Oficina depois de duas décadas para reencontrar o ator e diretor José Celso Martinez Corrêa, seu mentor. Em formato de **"making of"**, o documentário mostra a dupla se preparando para encenar *Fédro*, clássico de Platão. Em meio aos ensaios, refletem sobre os diálogos entre Sócrates e o jovem pupilo acerca do amor, da beleza e do desejo. Disponível na plataforma Star+.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

# PREVISÕES DE ANO NOVO

Pouca gente sabe, mas sou uma pessoa esotérica. Minha especialidade é uma técnica milenar criada em Dubai que consiste na leitura das manchas de colchão, mas também sou versado na leitura de pés, astrologia quântica, e tarô com figurinhas da Copa do Mundo.

Trago a pessoa amada em cinco dias.

Fecho corpo com trabalhos feitos em crochê.

Então, para começar o ano, decidi oferecer uma pequena amostra do meu trabalho para os leitores desta coluna, com algumas previsões para o ano que se inicia.

Vamos então às minhas previsões.

Como todos sabem, 2022 é o ano do Koala no horóscopo australiano.

Isso significa que será um ano tranquilo.

Na Australia.

Para nós que vivemos no outro lado do mundo, o ano será mais confuso que gaveta de mesa de cabeceira, lamento informar.

Na política, o ano começará com uma notícia bombástica.

Sergio Moro vai anunciar a sua chapa com Sabrina Sato para as eleições que se aproximam.

A consequência desta revelação é que nem os institutos de pesquisa não acreditarão nas suas próprias previsões.

Ainda em janeiro o Data Folha anunciará que a dupla vai superar qualquer prognóstico que tivemos até agora, ganhando do Lula ainda no primeiro turno.

Tem mais.

O presidente Bolsonaro vai fazer as pazes com a mídia, principalmente com a Rede Globo, ato que será oficializado num abraço entre ele e William Bonner, em rede nacional.

Passará a fazer lives diárias, não mais apenas às quintas-feiras e nem pelo YouTube.

O programa, ao invés de contar com a participação de políticos anônimos, será o presidente entrevistado pela Angélica, porque Luciano Huck não vai aceitar seu convite.

O sujeito de libras continuará lá, firme e forte, mesmo com a suspeita de que lidera um grupo de milicianos surdos.

O programa terá tanta audiência que Silvio Santos vai premiar o presidente com o Troféu Imprensa de melhor comediante do ano.

Oportunista e sabendo não ter chances na eleição, o presidente Bolsonaro abandonará e política e passará a integrar o elenco do programa A Praça é Nossa no SBT.

Na economia, a inflação continuará ameaçando sair do controle, mas o ministro Paulo Guedes, em agosto, fechará um acordo com o Banco Central norte-americano para a criação de uma nova moeda: o Dólar Brasil, lastreado pelos investimentos do ministro nas ilhas Cayman.

Será considerado um herói nacional.

No esporte também teremos surpresas.

O Palmeiras vai perder a final do mundial do Chelsea F.C. por 6x0 e continuará sem mundial, o que resultará na concordata do time e milhares de torcedores brasileiros que foram assistir a final vão pedir asilo político, de vergonha de voltar para o Brasil.

A tão esperada Copa do Mundo não vai acontecer, sinto muito.

**Na economia, a inflação continuará ameaçando sair do controle, mas o ministro Paulo Guedes, em agosto, fechará um acordo com o Banco Central norte-americano**

Mesmo assim, a Alemanha vai golear o Brasil novamente por 7 a zero num jogo beneficente.

Mas não vamos nos adiantar, pois existem muitas surpresas reservadas.

Em julho teremos, talvez, a maior revelação.

Extraterrestres vão posar em Washington e obrigarão a NASA a informar que a terra é realmente plana e que efetivamente vinham coordenando uma conspiração para convencer a humanidade de que o planeta era redondo.

Essa notícia vai pegar muito mal para as companhias aéreas de todo mundo, pois ficará provado que faziam parte do complô.

Como resultado, boa parte das empresas aéreas vai falir e voltaremos a viajar apenas de navio.

Como fica óbvio, o ano será cheio de surpresas mas pelo menos vai ser divertido.

Caso interesse, informo que atendo pelo Instagram e faço vídeos no TikTok.

Mediante o pagamento de um valor simbólico, faço previsões pessoais pelo WhatsApp.

Aceito pix.